

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

HISTÓRIA DO TURISMO EM PETRÓPOLIS ENTRE 1900 E 1930
APRESENTADO POR

ANDRÉ BARCELOS DAMASCENO DAIBERT

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO
CELSO CASTRO

Rio de Janeiro, março de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

HISTÓRIA DO TURISMO EM PETRÓPOLIS ENTRE 1900 E 1930
APRESENTADO POR

ANDRÉ BARCELOS DAMASCENO DAIBERT

Rio de Janeiro, março de 2010

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO: CELSO CASTRO

NOME DO AUTOR: ANDRÉ BARCELOS DAMASCENO DAIBERT

HISTÓRIA DO TURISMO EM PETRÓPOLIS ENTRE 1900 E 1930

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, março de 2010

Daibert, André Barcelos Damasceno.

História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930 / André Barcelos Damasceno Daibert. – 2010.
88f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Celso Castro.

Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, Rio de Janeiro, 2010.
Bibliografia: f. 84-88.

1. História. 2. Turismo. 3. Petrópolis. 4. Turismo Organizado.
 5. Bens Culturais e Projetos Sociais. 6. FGV-CPDOC-PPHPBC.
- I. Título.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS
CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

HISTÓRIA DO TURISMO EM PETRÓPOLIS ENTRE 1900 E 1930

DISSERTAÇÃO APRESENTADA POR
ANDRÉ BARCELOS DAMASCENO DAIBERT

E
APROVADO EM
PELA BANCA EXAMINADORA

PROFESSOR CELSO CASTRO (ORIENTADOR)

PROFESSORA BIANCA FREIRE-MEDEIROS (CPDOC)

PROFESSOR GIANCARLO MOSER (UNIASSELVI)

PROFESSOR INTERNO DO PROGRAMA (SUPLENTE) (TÍTULO)

Ao amigo Valmir Bessa da Silva (*in memoriam*)
que com amor, carinho, dedicação e trabalho criou
sua família.

A Leandra, amor da minha vida, que sempre me
acompanhou e me deu força durante essa difícil
trajetória.

AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer em primeiro lugar, ao Prof. Celso Castro que além de me orientar com muita calma, destreza e sabedoria, foi a pessoa que me sugeriu este tema que abracei com muito prazer.

Aproveito para agradecer também a todos os professores e funcionários do CPDOC e aos colegas da turma mais interdisciplinar que já conheci.

Agradeço aos professores Giancarlo Moser e Bianca Freire-Medeiros, não só por aceitarem participar da minha banca, mas também pelas significativas contribuições que me recomendaram durante o exame de qualificação.

Agradeço também aos meus amigos (não caberia no papel o nome de todos, mas gostaria de destacar o nome do Marcello Pires) e familiares (destacando minha querida mãe, pai, sogra e irmãos), que muito me apoiaram nesta etapa. Aos colegas do CEFET, que dentro de nossas limitações, me ajudaram na reta final.

Não posso deixar de fazer um agradecimento especial ao Prof. Joaquim Eloy dos Santos, que pacientemente me atendeu por várias vezes no Instituto Histórico de Petrópolis e até mesmo em sua casa, além de gentilmente me emprestar grande parte de seu acervo pessoal. Agradeço também à senhora Mariza da Silva Gomes e toda a equipe da “Sala Petrópolis” que me “agüentaram” durante longos dias na Biblioteca Municipal Gabriela Mistral.

“Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez”.

Jean Cocteau

SUMÁRIO

Introdução	16
Capítulo 1: Antecedentes do turismo organizado em Petrópolis	18
1.1: <i>Petro Polis</i> : As origens	18
1.2: Petrópolis e o Segundo Reinado: o refúgio de veraneio da Corte e da aristocracia do século XIX	23
1.3: Viagens e Viajantes na Petrópolis do século XIX	29
1.4: A Proclamação da República na cidade de Pedro	36
1.4.1: O Palácio Rio Negro e os novos ares republicanos	37
Capítulo 2: Da Vilegiatura ao Turismo de Massa: O advento do turismo organizado em Petrópolis	39
2.1: Capitalismo Industrial e o Turismo de Massa	39
2.2: Da Vilegiatura ao advento do Turismo Organizado	41
2.3: O Turismo organizado na cidade de Petrópolis.....	43
2.3.1: João Roberto D’Escragolle e a “Empreza ALEX”	46
2.3.2: O “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”	50
Capítulo 3: Narrativas e imagens do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930	55
3.1: A construção da “natureza turística” de um lugar	55
3.2: A pesquisa: metodologia e fontes	56

3.3: Revistas e guias turísticos da época	58
3.3.1: “Petrópolis Cidade do Brasil: A Rainha das Serras” (1910)	61
3.3.2: “Guia de Petrópolis” (1925)	65
3.3.3: Revista Petropolis-Turismo	71
3.3.4: Revista Verão em Petrópolis	75
Considerações finais	82
4. Bibliografia	84
4.1. Fontes Primárias.....	84
4.2. Fontes Secundárias	84
4.3. Documentos e Legislações	87

RESUMO

O presente trabalho pretendeu analisar de que forma se originou a construção da chamada “natureza turística” da cidade de Petrópolis, através de uma perspectiva histórica. Como objetivo específico, pretendi descrever como se deu a organização da atividade turística no município, destacando as suas origens, buscando compreender e identificar as principais narrativas e imagens que sustentam essa construção cultural, destacando as suas origens entre os anos de 1900 e 1930. Com este fim, o trabalho apresenta as origens e evolução da cidade de Petrópolis desde os antecedentes de sua fundação no século XIX. Em seguida, trabalhei no sentido de desvendar as transformações sociais no ato de viajar, na perspectiva de compreender as origens e consolidação da atividade turística organizada no município. Finalmente, analisei algumas narrativas e imagens que representam a construção cultural da “natureza turística” de Petrópolis, tendo como referência as primeiras décadas do Século XX. O estudo foi realizado através de recurso a literatura técnico-científica existente e também de pesquisa documental e iconográfica que retratasse narrativas e imagens do turismo em Petrópolis no início de sua organização. Para isso, foram selecionados guias e revistas publicados entre os anos de 1900 e 1930.

Palavras-chave: História, Turismo, Petrópolis, Turismo Organizado.

ABSTRACT

The present paper intended to analyze the way the construction of the so called “touristic nature” of the town of Petrópolis was originated, through a historical perspective. As an specific object, I intended to describe how the organization of the touristic activity in the town happened., highlighting its origins, trying to comprehend and identify the main narratives and images in which the cultural construction relies on, highlighting its origins between the years of 1900 and 1930. With this aim, the paper put forward the origins and evolution of the town of Petrópolis since the antecedents of its foundation in the 19th century. Following it, I worked in the sense of unveil the social changes in the act of travelling, in the perspective of comprehending the origins and consolidation of the organized touristic activity in town. Finally, I analyzed some narratives and images which represent the cultural construction of the “touristic nature” of Petrópolis, holding as reference the first decades of the 20th century. The study was done with the resource of the existing techno-scientific literature and, also the documentary and iconographic research which portrayed narratives and images of tourism in Petrópolis at the beginning of its organization. Therefore, guides and magazines published between the years of 1900 and 1930 were selected.

Keywords: History, Tourism, Petrópolis, Organized Tourism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET/RJ – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

FGV – Fundação Getulio Vargas

IHP – Instituto Histórico de Petrópolis

MIP - Museu Imperial de Petrópolis

S.I.T.M.P. - “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”

UCP – Universidade Católica de Petrópolis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Caminho Antigo das Minas Gerais	19
Figura 2: Folha de rosto da edição original de <i>Cidade de Petrópolis: Reedição de quatro obras raras (1957)</i>	30
Figura 3: Folha de rosto da edição original de “Viagem Pitoresca a Petrópolis” ..	30
Figura 4: Rua do Imperador	30
Figura 5: Folha de rosto da edição original de “Doze Horas em Diligencia”	32
Figura 6: Cascata dos Correias	32
Figura 7: Petrópolis: vista geral	32
Figura 8: Hotel Inglês	33
Figura 9: Folha de rosto da edição original de “Os Estabelecimentos Uteis de Petropolis”	34
Figura 10: Folha de rosto da edição original de “Petropolis: Guia de Viagem”....	34
Figura 11: Foto de João Roberto D’Escragnolle	46
Figura 12: Os Serviços da ALEX (Parte 1)	48
Figura 13: Os Serviços da ALEX (Parte 2)	49
Figura 14: Os Serviços da ALEX (Parte 3)	49
Figura 15: Foto de Alberto de Faria	51
Figura 16: Foto de Cerqueira Lima	51
Figura 17: Capa do guia “Petrópolis Cidade do Brasil: A Rainha das Serras”	61
Figura 18: Contra-capa do guia “Petrópolis Cidade do Brasil”	63

Figura 19: Anúncio de procedimentos médicos	63
Figura 20: Planta da cidade de Petrópolis de 1906	64
Figura 21: Capa do “Guia de Petropolis” (1925)	65
Figura 22: Costumes antigos	67
Figura 23: Mapa da cidade de Petrópolis de 1922	69
Figura 24: Mapa do caminho do Rio de Janeiro para Petrópolis	70
Figura 25: Capa da Revista “Petropolis-Turismo” (1923)	71
Figura 26: Capa da Revista “Petropolis-Turismo” (1924)	71
Figura 27: Obras da Rodovia Rio-Petrópolis	74
Figura 28: Concurso Pró Turismo	75
Figura 29: Capas da Revista “Verão em Petrópolis” em suas diferentes fases (1902, 1923, 1930)	76
Figura 30: Presidente Epitácio Pessoa em visita a Petrópolis	77
Figura 31: Condes de Leopoldina	77
Figura 32: Programação de Verão do Tennis Club de Petropolis	77
Figura 33: Anúncio do “Rapido” Praia Formosa	78
Figura 34: Anúncio do “Cassino de Petropolis”	78

Introdução

Conheci a cidade de Petrópolis há uns dez anos. Estava sem visitá-la desde 2004. Quando retornei em 2008, percebi grandes e significativas transformações, principalmente em sua região central. Num primeiro momento, achei que a cidade estava bem mais agradável, mais bonita, mais limpa, com calçadas mais largas, mais arborizada, e principalmente, percebi que os prédios históricos do centro estavam bem mais conservados do que antes. Foi quando descobri que a cidade estava passando por um projeto denominado “Reurbanização do Centro Histórico”.

Desde agosto de 2007, exerço a função de docente do curso de Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ – Campus Maracanã). O CEFET-RJ, assim como várias instituições federais de educação tecnológica, passa atualmente por uma grande reestruturação visando sua ampliação no âmbito do chamado “Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica”. Dentro desta expansão, o CEFET-RJ foi contemplado com duas novas unidades de ensino descentralizadas (UnED’s) no estado do Rio de Janeiro: A UnED Nova Friburgo e a UnED Petrópolis, sendo esta última inaugurada oficialmente no dia 13 de setembro de 2008. Um ano após a minha posse fui designado para enfrentar um novo desafio: coordenar a abertura de um curso de graduação tecnológica em Gestão do Turismo na cidade de Petrópolis. Esse novo desafio mudou radicalmente meus rumos profissionais e pessoais.

Antes dessa visita, conhecia a cidade de Petrópolis apenas com um olhar de turista. Afirmando que este mesmo olhar ainda me dominava nos primeiros dias de estadia em 2008. Após minha transferência e conseqüente mudança para a cidade, aos poucos venho percebendo como o turismo está diretamente relacionado ao cotidiano de grande parte das relações econômicas dos moradores e interferindo radicalmente em suas práticas sociais, caracterizando-se, atualmente, como uma das principais (se não a principal) atividade econômica no município.

O que também me chamou atenção foi a seriedade e conscientização das práticas de diferentes atores sociais quanto à importância dessa atividade no município. Ainda são poucos os municípios brasileiros nos quais as pessoas se preocupam e colaboram de

maneira tão participativa, em busca da organização da atividade turística. Aos poucos, fui percebendo que essas práticas em Petrópolis não vinham de agora. Na fala dos próprios moradores, e no exercício cotidiano do meu trabalho de professor e pesquisador, fui percebendo que o turismo organizado como construção cultural já estava arraigado no imaginário coletivo desde algumas décadas.

Esses comportamentos dos diferentes atores sociais me levaram às seguintes indagações: Como se deu historicamente a organização da atividade turística em Petrópolis? Como se originou a construção cultural da “natureza turística” da cidade?

Por isso, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar de que forma se originou a construção da chamada “natureza turística” da cidade de Petrópolis, através de uma perspectiva histórica. Como objetivo específico, pretendi descrever como se deu a organização da atividade turística no município através dos tempos, destacando as suas origens, buscando compreender e identificar as principais narrativas e imagens que sustentam essa construção cultural, destacando as suas origens entre os anos de 1900 e 1930. Com este fim, o trabalho foi dividido em três momentos:

Um primeiro capítulo apresentando as origens e evolução da cidade de Petrópolis desde os antecedentes de sua fundação no século XIX, passando pela sua função social como rota de vilegiatura da Corte, até tornar-se um importante reduto de veraneio no início do século XX.

Em seguida, trabalhei no sentido de desvendar as transformações sociais no ato de viajar, na perspectiva de compreender as origens e consolidação da atividade turística organizada no município, tendo como referência as primeiras décadas do século XX.

Finalmente, no terceiro capítulo analisei algumas narrativas e imagens que representam a construção cultural da “natureza turística” de Petrópolis, tendo como referência as primeiras décadas do Século XX.

O estudo foi realizado através de recurso a literatura técnico-científica existente da área e também de pesquisa documental e iconográfica que retratasse narrativas e imagens do turismo em Petrópolis no início de sua organização. Para isso, foram selecionados alguns guias e revistas publicados entre os anos de 1900 e 1930.

Capítulo 1: Antecedentes do turismo organizado em Petrópolis

1.1: *Petro Polis*: As origens

A cidade de Petrópolis localiza-se geograficamente na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, possuindo uma altitude média de 810 metros. O clima é ameno, variando entre 10° e 30°C. Petrópolis se destaca pelas belezas naturais, possuindo um total de 70% de Mata Atlântica preservada e também pelas suas atratividades culturais. O município possui hoje uma população estimada em 306.645 habitantes¹.

A região onde hoje a cidade está situada aparece no mapa do Brasil a partir do século XVIII, com a abertura dos caminhos para as minas de ouro no interior da colônia. O chamado “Caminho-Novo”, aberto por Garcia Rodrigues Pais, que ligava a cidade do Rio de Janeiro ao atual Estado de Minas Gerais, recebeu no ano de 1725 uma variante denominada “Atalho de Soares de Proença”, que encurtava o trajeto e proporcionava um percurso menos sinuoso em direção às atividades mineiras. O mesmo atravessava grande parte do que é hoje a cidade de Petrópolis.

Segundo Ambrozio (2008:131-132), “o ‘Atalho de Soares de Proença’, concluído em 1725, pode ser considerado o ponto zero de inúmeras sesmarias nas terras da futura Petrópolis”. Com o passar dos anos e a importância adquirida pelo novo caminho, essas sesmarias vão sendo parceladas ou vendidas, dando origem a fazendas, sítios e pequenas propriedades, intensificando o povoamento e a dinamização da região².

¹ Fonte: IBGE (2007).

² A tese de Ambrozio (2008:132-145) detalha as origens e a evolução territorial da cidade de Petrópolis através dos tempos. Na Parte II, Capítulo 1, Seção “1.2 – Da Sesmaria à Fazenda Imperial”, o autor demonstra com detalhes a formação e a trajetória das propriedades da região no século XVIII.

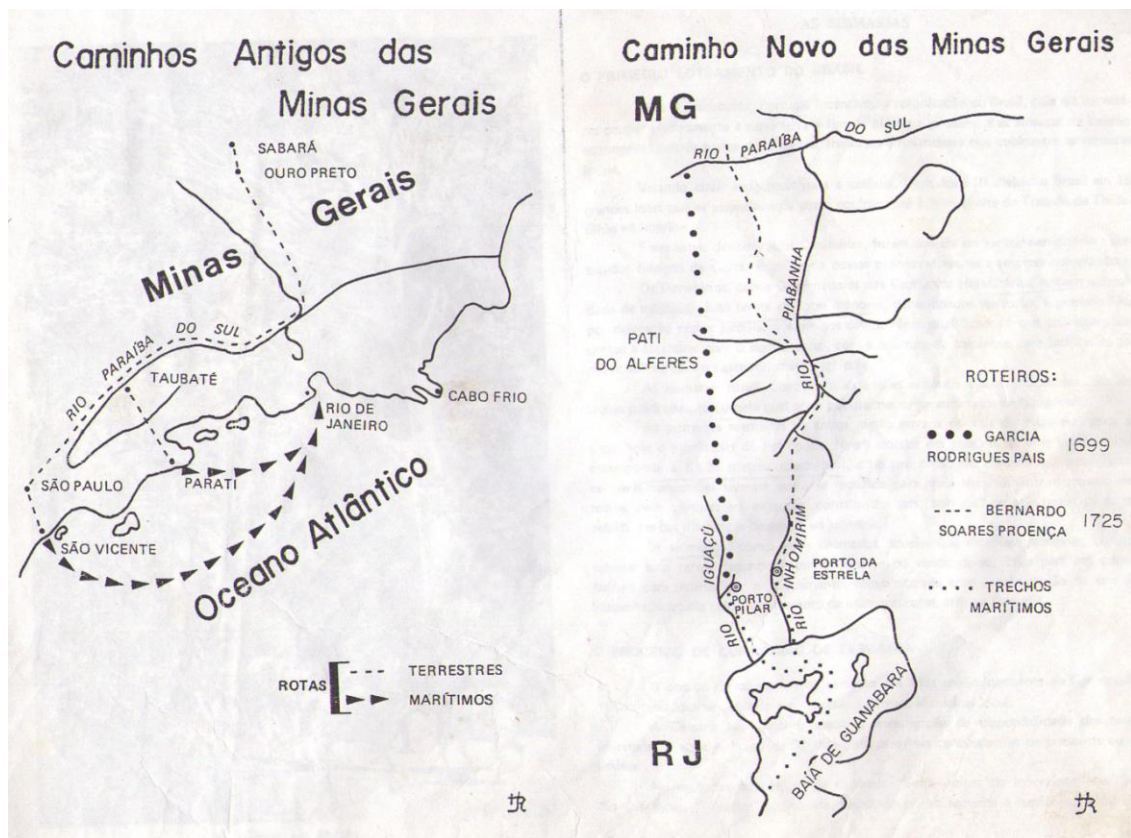


Figura 1: Mapa do Caminho Antigo das Minas Gerais (desenhado pelo autor)
 Fonte: Rabaço (1985:8-9).

Uma importante fazenda originária desta época foi a Fazenda dos Correias, que se destacou pela privilegiada localização junto ao Caminho Mineiro. A propriedade pertencente ao casal Correa-Goulão, foi herdada em 1802 pelo filho, o eclesiástico Antônio Tomás de Aquino Correa da Silva Goulão, mais conhecido como Padre Correa.

Nas mãos do Padre Correa, a fazenda alcançou o seu apogeu econômico. Nos vinte anos que se seguiram, a propriedade se destacou pela produção de milho, arroz e também pela fabricação de ferraduras para animais, mantendo um intenso comércio com a cidade do Rio de Janeiro, despontando como uma das principais fazendas da província. Segundo Ambrozio:

A importância econômica da fazenda e o seu local favorável no trajeto Rio-Minas transformariam Padre Correa no maior hospedeiro serra-acima: vice-reis, governadores, capitães-generais, ouvidores, regimentos, tropeiros, viajantes estrangeiros, pousaram

nas terras desse homem de deus e de grossa fortuna rural. Alcançara tamanha freqüência a fazenda, que a construção de nova residência foi necessária para, exclusivamente, receber seus hóspedes: casa de sala e muitos quartos. (2008:145).

Em março de 1822, o então Príncipe Regente e depois Imperador Dom Pedro I, de passagem pelo caminho para as minas, pernoitou na fazenda do senhor Padre Correa. A partir deste momento, Dom Pedro I decidiu adquirir uma propriedade na região, porque já manifestava o desejo de construir outro palácio fora da cidade do Rio de Janeiro, em algum lugar de clima mais ameno do que o do intenso calor da região da Quinta da Boa Vista³. Outro importante motivo que influenciou na decisão de D. Pedro I foi o fato de sua filha Paula, que sofria de sérios problemas de saúde, se sentir muito bem nas terras do Padre.

É no ano de 1830 que Dom Pedro I finalmente adquire uma propriedade próxima à fazenda do Padre Correa: a então chamada Fazenda do Córrego Seco. Quando ao destino dessa propriedade na década de 1830, Schwarcz descreve a seguir:

(...) os planos do primeiro monarca não foram pra frente. Após a sua abdicação em 1831 e sua morte em 1834, pessoas a quem D. Pedro I devia entraram na justiça européia e brasileira para defender seus créditos. Assim, a fazenda da Serra Fluminense, avaliada em 13:974\$000, foi destinada a credores do monarca falecido, para cobrir suas dívidas assumidas em testamento. Em 1840, por ocasião da maioridade de d. Pedro II, as questões referentes ao inventário e à partilha de bens ainda se arrastava pelos tribunais. O governo brasileiro, então, entrou em ação e pagou na justiça o valor da fazenda, liberando-a de sorte incerta. E fez mais: apesar de incorporada ao patrimônio nacional, ficava pertencendo a Pedro II e seus sucessores. Marca do regime monárquico, o público e o privado servem-se reciprocamente. (1998:231-232).

³ É importante lembrar que era comum, dentre as monarquias européias, a existência de uma segunda residência real, também chamada de residência de verão.

No ano de 1843, depois de sanada a situação legal e financeira, a Casa Imperial⁴ assume a administração da Fazenda do Córrego Seco. Dom Pedro II, por sua vez, demonstrou profundo interesse em dar continuidade aos planos de seu pai. Vale ressaltar que a idéia de se edificar outro palácio fora da capital já era antiga e não se configurava apenas como um fetiche pessoal ou familiar dos dois imperadores. O palácio na serra também continha justificativa política, militar e sanitária, defendida também por outros atores do Império, como o mordomo-mor Paulo Barbosa. Schwarcz, ao descrever a origem do nome Petrópolis a futura cidade, demonstra essa vontade junto aos oficiais do Império:

O próprio mordomo explicaria mais tarde a sua intenção de construir um local onde Suas Majestades pudessem se proteger e refugiar das invasões das pestes ou de inimigos. (...) E, para coroar o acontecimento, o lugar foi batizado de Petrópolis, por sugestão de Paulo Barbosa, inspirado por sua vez, na russa Petrogrado: ‘Lembrei-me de Petersburgo, cidade de Pedro, recorri ao grego e achei a cidade com esse nome no arquipélago e sendo o Imperador D. Pedro, julguei que lhe caberia bem o nome’. Talvez tivesse ocorrido ao mordomo, ainda, a distante idéia de José Bonifácio, que já em 1823 propusera a edificação de uma nova capital para o império no interior do Brasil, a qual deveria chamar-se Brasilea ou Petropole. (1998:232).

Em 16 de março de 1843, o Imperador designa o major engenheiro Julio Frederico Köeler como arrendatário e superintendente da fazenda, subordinado à Casa Imperial. Cabia ao major separar um espaço para construção do Palácio Imperial com

⁴ A Casa Imperial era uma instituição responsável pela administração, dentre outras, dos palácios do imperador e das finanças da família imperial. O administrador da Casa Imperial era o chamado “mordomo-mor” que nomeado pelo imperador, constituía-se como empregado oficial mais importante e possuía direta comunicação com o rei. Dentre os Palácios estavam o Paço da Cidade, O Paço de São Cristóvão (ou Palácio da Boa Vista), a Fazenda de Santa Cruz e posteriormente o Palácio de Petrópolis. (Schwarcz, 1998:207-208).

suas respectivas dependências e demarcar o restante para abrigar um povoado aforado a particulares. Além disso, deveria pensar na edificação de uma igreja e de um cemitério. Todo esse plano urbanístico ficou conhecido como “Plano Köeler”, que Taulois descreve a seguir:

O plano urbanístico para Petrópolis era complexo porque a cidade deveria ser levantada entre montanhas, aproveitando o curso dos rios. Ele inverteu o antigo estilo colonial português de construir as casas com o fundo para os rios que eram utilizados apenas como esgoto, como na maioria das nossas cidades. Passou a aproveitar os cursos de água para traçar pelas suas margens as avenidas e as ruas que davam acesso aos bairros. Outro aspecto relevante no plano foi a preocupação com a preservação da natureza determinada pelo seu código de posturas municipais⁵.

Para povoar a região, duas medidas foram adotadas: A primeira, por parte de D. Pedro II, foi de doar terras para “certos homens notáveis pelos serviços prestados ao Estado”⁶. A segunda medida foi criar uma colônia agrícola, da qual também ficou a cargo do major Köeler⁷. Segundo Schwarcz, “Os primeiros colonos, todos imigrantes alemães que para cá vieram com o objetivo de trabalhar inicialmente na construção da estrada, erguiam suas moradas, plantavam as primeiras hortas e davam existência real a Petrópolis.” (1998:233).

Na década de 1850, algumas das obras vão ficando prontas e Petrópolis vai tomando forma. Em 1856 o Palácio estava praticamente terminado. Os alemães continuavam chegando da Europa. Suas famílias cresciam ao ponto que, no ano de 1859, a população alemã em Petrópolis era de aproximadamente 3300 pessoas. A

⁵ TAULOIS, E. T. *História de Petrópolis* Universidade Católica de Petrópolis / Instituto Histórico de Petrópolis. Petrópolis, Fev. de 2007. Extraído de < www.petropolis.rj.gov.br > em 21/08/2008.

⁶ LACOMBE, A. J. *Paulo Barbosa e a fundação de Petrópolis*. Petrópolis, Typ. Ypiranga, 1939. (p. 58) (*Apud* Schwarcz, 1998: 232).

⁷ É importante lembrar que Júlio Frederico Koeler (Julius Friedrich Koeler) era alemão naturalizado brasileiro.

aristocracia que recebeu terras de D. Pedro II já edificava seus palacetes dando uma nova roupagem ao espaço urbano. O Império, por sua vez, não media forças e investimentos em prol da construção de seu novo reduto de verão. Com toda essa dinamização, o povoado de Petrópolis foi elevado à categoria de cidade⁸ em 1857. Estava fundada a “Cidade de Pedro”.

1.2: Petrópolis e o Segundo Reinado: o refúgio de veraneio da Corte e da aristocracia do século XIX

A origem e o desenvolvimento de Petrópolis durante o século XIX esteve profundamente ligada à cidade do Rio de Janeiro⁹. Pela proximidade e pela natureza de sua origem, Petrópolis nasceu e se desenvolveu como subúrbio da então capital federal, estabelecendo uma relação de proximidade e ao mesmo tempo de dependência. Com isso, sua vida política, econômica e social no segundo Império esteve intensamente ligada aos acontecimentos da capital.

Em meados do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro consolidou-se não apenas como sede político-administrativa, mas também como centro comercial do Império. O Vale do Paraíba Fluminense vivia sua época de ouro e a cidade do Rio de Janeiro era o seu grande empório de abastecimento e também o principal porto de exportação da produção cafeeira. Além disso, a abolição do tráfico negreiro, o aumento da urbanização, o desenvolvimento das vias e dos meios de transporte e a expansão demográfica aliada ao aumento do trabalho livre, proporcionaram à cidade um grande processo de modernização e dinamização.

Junto a essa acelerada “modernização”, apareceram problemas oriundos principalmente do adensamento populacional proporcionado pelo aumento do trabalho livre e pela dinamização da prestação de serviços, muitas vezes informais:

⁸ Schwarcz lembra que Petrópolis foi elevada de povoado a cidade sem ter passado por vila. Isso significava um grande salto na escala administrativa da época (1998:235).

⁹ Petrópolis se distancia da cidade do Rio de Janeiro em 65 quilômetros. Informações extraídas do site da Fundação de Cultura e Turismo da Prefeitura de Petrópolis. Disponível em: <<http://www.petropolis.rj.gov.br/>> Acesso em 29/10/2009.

Um contingente multiforme e flutuante de livres e libertos, cada vez mais numeroso, trabalhava, residia, e perambulava nos limites dessa mesma área central. Ali prevalecia a mais completa e caótica contigüidade entre o mercado onde a força do trabalho era posta à venda, cotidianamente, e o mercado – formal e ambulante – onde as “diárias” incertas se convertiam em gêneros e elementos indispensáveis a sobrevivência e reprodução dessa heteróclita plebe urbana. As diárias eram consumidas no armazém que fornecia alimentos caros, muitas vezes a crédito, no pagamento de um quarto de cortiço (geralmente nos fundos do mesmo armazém), contíguo à oficina, próximo ao porto, vizinho a um sobrado de comerciante opulento, da moradia de um empregado público ou, quem sabe, de uma viúva que, a duras penas, sobrevivia com a renda proporcionada por um ou dois escravos postos ao ganho. (Benchimol, 1990:112)

Esses cortiços, hospedarias e casas de cômodos do centro da cidade, muitas vezes se localizavam em ruas estreitas e congestionadas, alojando a população trabalhadora e também grande parte do contingente de estrangeiros, que por ali passavam temporariamente. Muitas dessas habitações eram desprovidas de condições mínimas de higiene, iluminação e circulação de ar.

A natureza física do Rio de Janeiro também não era apontada como a das mais salubres. Benchimol sintetiza o pensamento higienista da época sobre a cidade da seguinte maneira:

Situada em zona tropical, numa planície baixa e pantanosa, rodeada pelo mar e pelas montanhas, a cidade reunia, segundo os higienistas, duas características adversas: o calor e a umidade proveniente da evaporação das águas do mar, dos pântanos e das chuvas, que não escoavam devido à pouca declividade do solo. Os

pântanos eram particularmente temidos por constituírem focos de exalação de miasmas, os pestíferos gases que veiculavam os agentes causadores das doenças e da morte. Os morros da cidade também eram tematizados como fatores de insalubridade, porque impediam a circulação dos ventos purificadores e porque deles escoavam as águas dos rios e das chuvas, que se imobilizavam na vasta planície sobre a qual se estendia a maior parte construída do Rio, tornando-a pantanosa, úmida e calorenta. Assim, desde muito cedo, os médicos defenderam, além do aterro dos pântanos, o arrasamento dos morros. (1990:116-7)

Outros elementos humanos também contribuía para a negativa situação sanitária da capital:

Corpos são enterrados nas igrejas localizadas no centro da cidade; animais mortos são encontrados nas ruas; por todos os lados existiam monturos, cloacas, vasilhas de despejo de urina, currais. (...) Fábricas, hospitais e prisões se igualam na ausência de regras higiênicas e disciplinares (...) as ruas são estreitas e tortuosas, dificultando a renovação do ar e a circulação dos veículos, além de serem utilizadas como lugares de despejo de lixo. As praias são imundos depósitos de fezes e lixo. As praças são poucas e mal cuidadas, sem árvores, cheias de poças, lama, imundícies, atestando o desconhecimento de que a relação entre uma praça e uma cidade devia ser idêntica à relação do pulmão com o corpo¹⁰.

Todo esse ambiente adverso, provocado pela densidade populacional, desordenamento urbano, condições sanitárias calamitosas, associadas à natureza física da cidade, apresentaram elementos cruciais para que os higienistas condenassem o Rio

¹⁰ Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1852. GUERRA, D. M. *Apud* Benchimol (1990:117).

de Janeiro como um lugar insalubre. A proliferação de doenças e epidemias foram conseqüências naturais desta situação:

Desde o tempo dos vice-reis, e mais ainda na primeira metade do século XIX, o Rio de Janeiro foi uma cidade insalubre, assolada por freqüentes epidemias. Mas, ao que tudo indica, a primeira grande epidemia de febre amarela fustigou a cidade, com enorme virulência, no período compreendido entre dezembro de 1849 e setembro de 1850. (Benchimol, 1990:113)

A grande epidemia de febre amarela mencionada anteriormente foi o estopim do estado de calamidade na qual a capital federal já apresentava nos últimos anos. A febre amarela atingiu proporções gigantescas na cidade. Os meses de janeiro a março eram os mais críticos, por conta do clima quente e úmido. A febre amarela foi apenas uma das doenças que geraram grandes epidemias. Segundo Lobo, nos vinte anos que se seguiram, o Rio de Janeiro foi também assolado por epidemias de cólera-morbo e varíola, além de outras moléstias decorrentes também das aglomerações das tropas com destino à guerra no Paraguai (*apud* Benchimol, 1990:122).

Diante de todo esse contexto, uma das medidas emergenciais tomadas pelo Governo Imperial foi proteger a Corte brasileira desses possíveis contágios, isolando-a em algum lugar seguro. Nesse momento, Petrópolis aparece como uma boa rota de fuga contra as epidemias e miasmas que assolavam a capital.

No verão de 1849-50, a família voltou novamente para Santa Cruz¹¹, mas a morte do filho de d. Pedro empurrou de vez os moradores de São Cristóvão para os verões serra acima. Ademais,

¹¹ A Fazenda de Santa Cruz era uma das residências da Família Real administradas pela Casa Imperial. Ela foi fundada pelos jesuítas e foi confiscada pela Coroa portuguesa com a expulsão dos padres em 1759, por Marquês de Pombal. A Fazenda foi colocada a disposição da Família Imperial desde a sua chegada ao Brasil em 1808. Distante cerca de 60 quilômetros do Centro do Rio de Janeiro, a Fazenda de Santa Cruz funcionou como a primeira residência de veraneio da Família Imperial, ofuscada depois pelo Palácio na Serra, em Petrópolis (Schwarcz, 1998:222).

nesse mesmo ano a febre amarela vitimou para valer os habitantes da cidade-corte, levando aqueles que tinham meios a seguir a mesma rota do imperador. Além de oferecer os prazeres da convivência com a Coroa, Petrópolis convertia-se em rota de fuga da febre amarela, em uma política sanitária da corte. (Schwarcz, 1998:235)

A partir daí, pode-se entender que Petrópolis foi utilizada não apenas para o ócio e desfrute de uma Corte. A cidade também serviu como refúgio de pessoas abastadas que esquivavam das epidemias do Rio de Janeiro, principalmente nos meses de verão. Vale lembrar que Petrópolis possuía uma questão física que favorecia sua salubridade. O clima ameno da região serrana aliado ao ordenamento urbano proposto por Koeler proporcionavam condições sanitárias muito mais favoráveis do que as do Rio de Janeiro. Segundo Henri Raffard, “Centenas de pessoas abastadas [que] fugiram dos logares empestados e procuraram abrigo no bello clima de Petrópolis. (...) Pessoas que talvez nunca tivessem vindo a Petrópolis ficaram conhecendo o lugar e gostado d’elle. (apud Ambrozio, 2008:245)

Além da questão salutar, outra grande atração de Petrópolis estava na figura do Imperador D. Pedro II. Segundo o jornal Mercantil:

É em pleno verão, janeiro ou fevereiro, que Petrópolis ostenta todo o seu esplendor: mas o que assinala a estação não é a folhinha, não é o calor, não é o giro do sol ou da terra; é a vinda da família imperial. Para os cortesãos, para os ricos ociosos, para o que se chama o *bom-tom*, o imperador é o termômetro. Enquanto se conserva em São Cristóvão, ninguém das classes mencionadas sente vontade de emigrar: mas logo sua majestade imperial sobe, *o calor lá embaixo torna-se insuportável*, e as andorinhas se despreendem o vôo. (apud Schwarcz, 1998:243)

Petrópolis, então, adquire também uma atração política. Muitas pessoas veraneavam na cidade não apenas pelo clima ameno ou por descanso. Elas também procuravam uma proximidade com a monarquia que muitas vezes não era possível na capital.

Vindas do Hotel Bragança, do Hotel Suíço eram várias as pessoas que chegavam da cidade e queriam ser apresentadas ao Imperador. Ora, a reunião de tudo isso forja uma impressão européia... No verão quem não se apressa em Petrópolis não acha casas para ficar. A corte está toda lá... A Família Imperial troca nos dias de hoje Santa Cruz por Petrópolis.¹²

Com o passar do tempo, os políticos, diplomatas e pessoas mais abastadas da sociedade carioca escolhem Petrópolis não só como destino de veraneio, mas também como local de residência. Aos poucos, essas pessoas levantam os seus próprios palacetes e o tecido urbano petropolitano vai tomando nova forma. Com isso, a demanda por novos equipamentos urbanos para abrigar essa nova realidade foi inevitável. Segundo Lima, “A cidade de Petrópolis chega ao final do século XIX como um centro importante para os padrões brasileiros de então. Os que nela residiam passam a reivindicar melhorias de infra-estrutura.” (2001:30)

Na década de 1870 instalam-se na cidade as primeiras indústrias¹³. Em 1876 é inaugurado o Hospital Santa Tereza. No ano de 1883, a Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará começa a operar diminuindo o tempo e os transtornos da viagem da Capital a Petrópolis. E em 1888, iniciam-se as obras de abastecimento de água potável, de esgoto e iluminação pública e particular. Com isso, a cidade vivencia na década de 1880 um intenso progresso se comparado as outras cidades brasileiras da época.

¹² Carta de Ernesto de V. Magalhães para Paulo Barbosa. Ms., 8/4/1851, Coleção Tobias Montero, FBN (*apud* Schwarcz, 1998:239).

¹³ Renânia, mais tarde São Pedro de Alcântara, 1873; Cia. Petropolitana, 1874; D. Isabel, 1889 (Ambrozio, 2008: p. 20).

1.3: Viagens e Viajantes na Petrópolis do século XIX

A atividade turística se origina em Petrópolis de uma maneira bem peculiar em relação ao restante do Brasil. Haroldo Camargo, ao escrever sobre os primórdios do turismo brasileiro no século XIX, afirma:

De volta à Corte, um fenômeno desconhecido da colônia: a vilegiatura (...). Caberá ao filho, Pedro II, inventar a cidade imperial para onde se deslocava nos meses de verão, seguido pela Corte – ministros, funcionários e familiares – e por diplomatas estrangeiros. É certo que seguirão o imperador famílias da elite e figuras que se deslocam para onde se dirige o poder. Aos poucos, Petrópolis se impõe, transforma-se em hábito que terá sua continuidade com a presidência e as figuras gradas da capital federal. (2003:70).

Sobre o mesmo momento, Ignarra (2001:20) completa: “Nesse período se desenvolve Petrópolis como primeira estância climática brasileira, local escolhido pela realeza para fugir do calor do Rio de Janeiro”.

Os dois autores acima citados, durante suas reflexões sobre as origens do turismo brasileiro, apresentam a cidade de Petrópolis não só como um importante marco do que mais tarde chamaremos de turismo, mas também como um lugar que surgiu e se desenvolveu a partir do fluxo de viajantes.

Existem quatro importantes publicações de viajantes que se aventuraram pela região ainda no século XIX (publicadas entre 1862 e 1885) e que serviram de grande divulgação para a cidade. São elas¹⁴:

¹⁴ O Museu Imperial de Petrópolis reeditou essas quatro obras raras em um único volume originalmente em 1957 e depois relançada em edição comemorativa no ano de 1995. (Ministério da Educação e Cultura. *Anuário do Museu Imperial*. [Ed. Comemorativa]; Petrópolis, 1995).

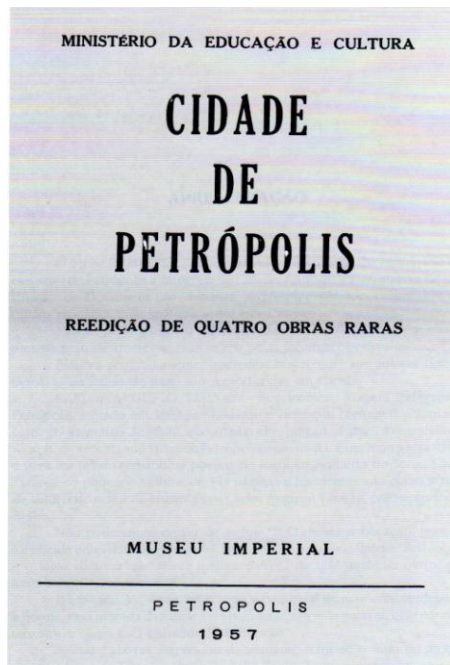


Figura 2: Folha de rosto da edição original de *Cidade de Petrópolis*: Reedição de quatro obras raras (1957).

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:07).

- 1862: “Viagem Pitoresca a Petrópolis” de Carlos Augusto Taunay;

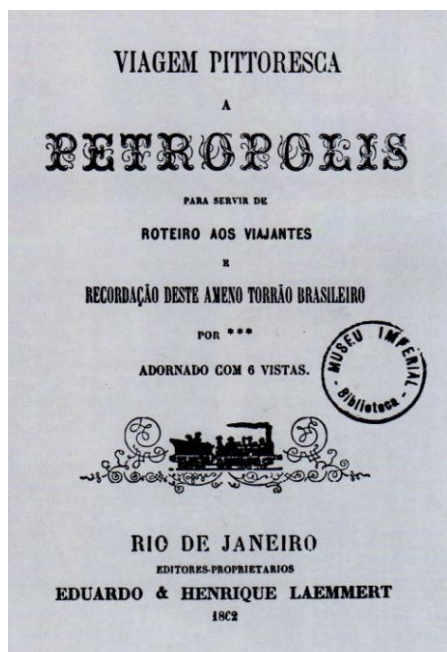


Figura 3: Folha de rosto da edição original de “Viagem Pitoresca a Petrópolis”
Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:15).



Figura 4: Rua do Imperador
Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:29).

Essa obra descreve a viagem do Rio de Janeiro a Petrópolis em três etapas: I - Ida, desde a saída do porto do Rio de Janeiro, passando pela Bahia de Guanabara, pelo cais de Mauá, pela estrada de ferro até Raiz da Serra, onde a viagem continuava através de carroças puxadas por burros até a chegada a Petrópolis; II – Chegada e permanência em Petrópolis, descrevendo as ruas, as casas, o comércio e as paisagens da cidade, onde destaca os hotéis, hospedarias e outros equipamentos, demonstrando valiosas imagens da cidade na época; III – Volta, onde o autor descreve alguns aspectos curiosos sobre a estrada e também conta algumas histórias e “lendas” sobre o caminho. Ao final, o livro traz uma poesia sobre Petrópolis do autor J. Norberto, datada de 1850 e um texto intitulado “Ensaio para a solução do problema de tornar mais barata a viagem de Petrópolis” onde Taunay realiza duras críticas aos preços cobrados durante toda a viagem, desde o trajeto até a estadia.

- 1872: “Doze Horas em Diligência: Guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora”, de Revert Henry Klumb;

Trata-se de um ensaio descritivo da viagem realizada entre Petrópolis e Juiz de Fora através de carruagens pela então recém criada Rodovia União e Indústria. O autor vai descrevendo os vilarejos, povoados, pontes, cachoeiras, rios e paisagens observadas por toda a extensão da Rodovia.

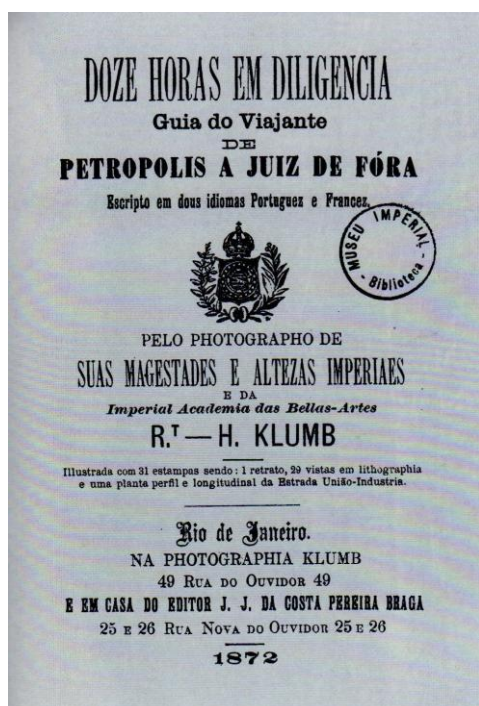


Figura 5: Folha de rosto da edição original de “Doze Horas em Diligencia”
Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:107).



Figura 6: Cascata dos Correias
Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:127).

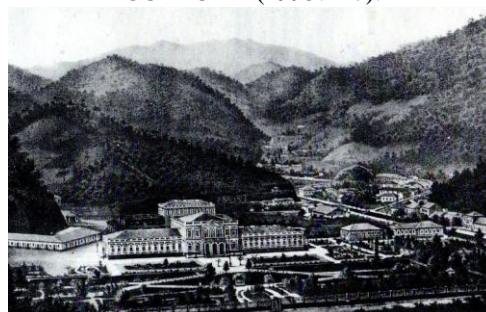


Figura 7: Petrópolis: vista geral
Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:109).

É importante destacar o valor iconográfico da obra, com ilustrações de grande parte do trajeto, enfatizando as imagens e descrições feitas sobre Petrópolis e suas atrações, destacando-se uma imagem do Hotel Inglês, citado como uma das mais imponentes acomodações da cidade.

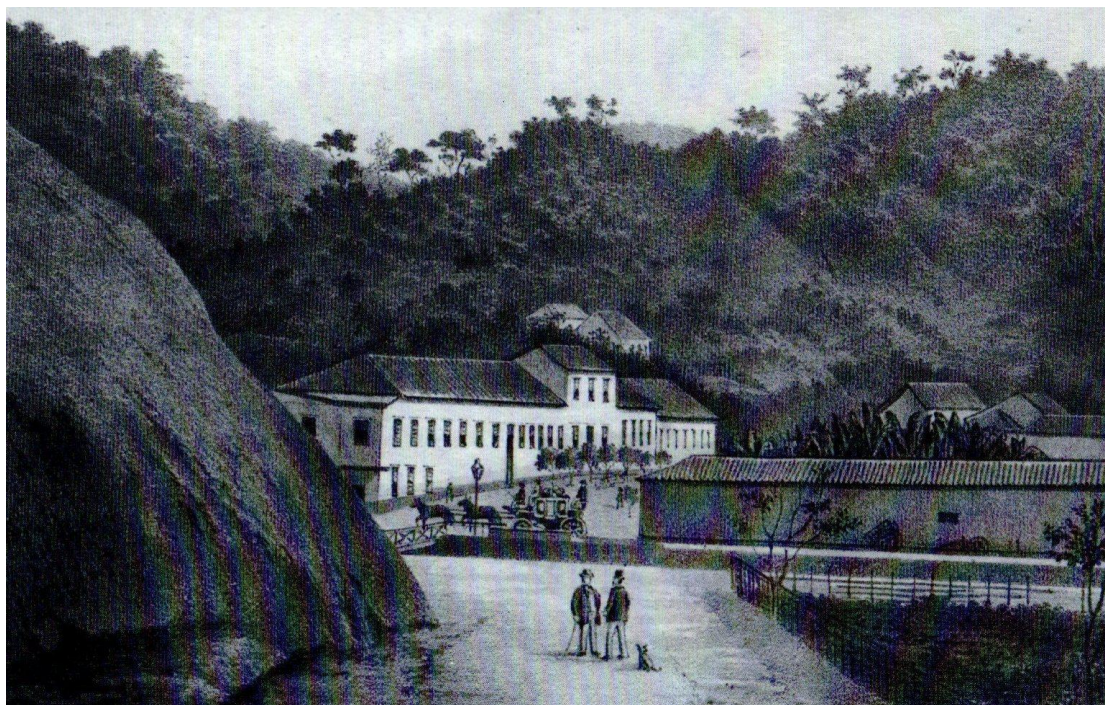


Figura 8: Hotel Inglês

Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:113).

- 1879: “Os Estabelecimentos Úteis de Petrópolis”, de Tomás Cameron;

Esse livro possui uma perspectiva mais informativa. Trata-se de um guia para viajantes um pouco mais resumido. O que pode ser destacado nessa publicação é a descrição feita dos hotéis: Hotel de Bragança, Hotel Beresford e Hotel Inglês, mais detalhada do que nas outras obras. Ele também dá grande atenção aos equipamentos voltados para questões de saúde como asilos, hospitais e estabelecimentos hidroterápicos.

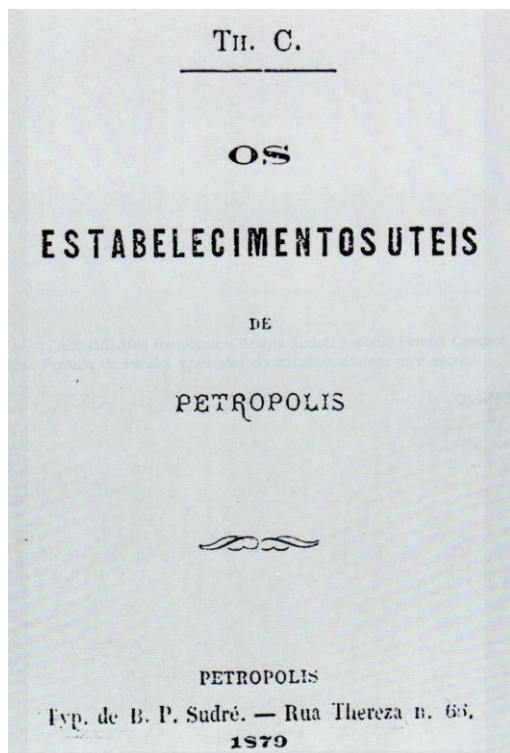


Figura 9: Folha de rosto da edição original de “Os Estabelecimentos Uteis de Petropolis”.
Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:269).

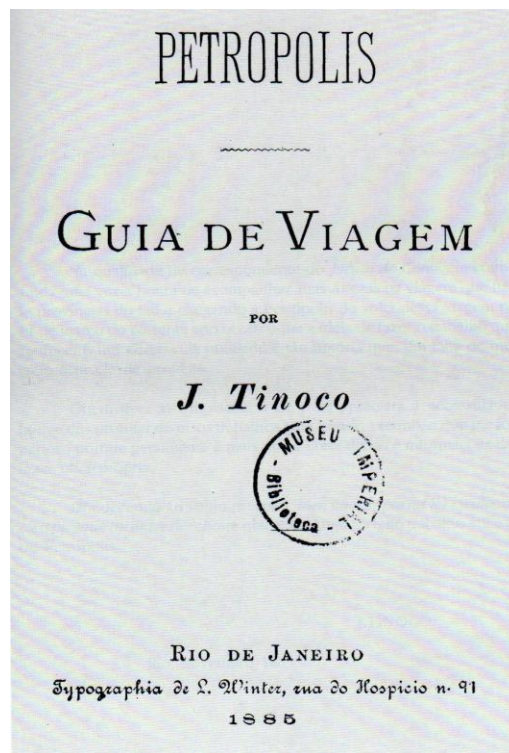


Figura 10: Folha de rosto da edição original de “Petropolis: Guia de Viagem”.
Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1995:197).

- 1885: “Petrópolis – Guia de Viagem.” de José Nicolau Tinoco de Almeida.

Este livro também possui uma perspectiva mais informativa, com o objetivo de apresentar aos viajantes diversas informações sobre os meios de transporte e as vias de acesso, hospedagens, história da cidade, altitude, distâncias, clima, pluviosidade, dentre outras. O autor também descreve um importante atrativo da cidade que é reconhecido até os dias de hoje: o Palácio de Cristal. Ele descreve a existência de uma espécie de “fábrica” de laticínios e cita também diferentes indústrias de tecidos. Ao final descreve os principais estabelecimentos de comércio e serviços.

Essas obras, além de destacar as peculiaridades das paisagens naturais da Mata Atlântica, mostram também curiosidades e singularidades que um viajante poderia encontrar ao visitar essa região. Relatam, ainda, a existência de requintados hotéis e

diferentes equipamentos turísticos ainda raros no Brasil naquela época, como ferrovias e estradas de rodagem.

Outros relatos de viajantes também merecem destaque. Pires (2001:63-64), ao pesquisar sobre a hotelaria brasileira no final do século XIX, reproduz o seguinte relato do jornalista Koseritz, que, estando em Petrópolis em 1883, utilizou os serviços do Hotel Bragança:

Sim, este hotel é uma coisa extraordinária. É arranjado no mais faustoso estilo, possui acima de cem quartos bem mobiliados, numerosos empregados, esplêndidos banheiros, grandes jardins, uma enorme sala de refeições, na qual esperam criados com gravatas e luvas brancas, tudo altamente fino e aristocrático, mas... a comida é infelizmente horrorosa. (...) Pelas 9h voltamos ao hotel e nos fizeram servir um almoço intragável, com vinho ruim e caro, por distintos criados, enluvados de branco, numa bela mesa. Se não tivéssemos tido na véspera um excelente jantar na casa de Frederico Roxo, estaríamos famintos, porque a comida era de fato intragável. Mesmo os ovos quentes para que apelamos, continham pintos em adiantado estado de evolução... Na sala reinava um sepulcral silêncio; aparentemente nos encontrávamos em um instituto de surdos-mudos, mas na verdade é que os pobres, que ali habitavam há muito tempo, tinham perdido o uso da língua, graças à fome...¹⁵

Esta citação é interessante para se relativizar a idéia dominante de uma hotelaria aristocrática e de alta qualidade.

¹⁵ (Koseritz, Carl Von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980:64-5.)

1.4: A Proclamação da República na cidade de Pedro

Vinte dias após a Proclamação da República, a Câmara Municipal de Petrópolis aprovou um ato que modificava o nome de vários logradouros da cidade. Os que tinham nomes de membros da família imperial foram trocados por datas históricas. A rua do Imperador, por exemplo, passaria a avenida XV de Novembro¹⁶:

As ruas de Petrópolis ganharam nomes republicanos, mas os armazéns que vendem artigos franceses, e os palácios continuam dando sentido a sua função emblemática, parecendo seguir outra lógica, nessa cidade cujo nome já é uma referência ao período monárquico. (Lima, 2001:17)

Após a Proclamação da República e o consecutivo exílio da Família Imperial, a cidade brasileira que mais incorporava a imagem do Império, idealizada e edificada a mando do Rei e que carregava não só o nome, mas uma série de representações que remetiam a Família Imperial tornara-se republicana da noite para o dia.

Apesar da nostalgia simbólica estabelecida com o fim do Império, a cidade não se esvaziou economicamente. A industrialização que deu os seus primeiros passos na década de 1870 foi tomando fôlego, apresentando-se de maneira mais consolidada no fim da década seguinte. Além disso, Petrópolis continuou como um importante destino de veraneio, principalmente das elites da então capital.

¹⁶ Relação dos logradouros que tiveram seus nomes modificados: “A Câmara aprova a substituição que tem de ser presente ao governador do estado para aprovar, é a seguinte: Quinze de Novembro a rua do Imperador – Sete de Setembro a da Imperatriz – Silva Xavier a de Dona Maria II – 28 de Setembro a de Dom Afonso – 13 de Maio a de Dona Isabel – 7 de Abril a de Dona Leopoldina – Marechal Deodoro a de Dona Januária – General Osório a de Dona Francisca – Bento Gonçalves a do Conde d’Eu – Nunes Machado a do Duque de Saxe – Piabanha a de Nassau – Cruzeiro a de Bourbon – 1º de Março a de Bragança – Ipiranga a de Joinville – praça de Dom Pedro a de Dom Pedro II, digo, praça de Dom Pedro de Alcântara a de Dom Pedro II, Inconfidência a do Príncipe do Grão Pará.” (Ata redigida pela Câmara Municipal de Petrópolis no dia 05/12/1889)

Além de permanecer a cidade diletta para a estação calma, Petrópolis continua a abrigar, como residentes ou veranistas, ocupantes dos mais altos cargos do poder. Proclamada a República, os presidentes, até a inauguração de Brasília, deram continuação ao rito de transferir os despachos de verão para a cidade, onde permaneciam durante um curto período do ano (Lima, 2001:34).

Com isso, a cidade manteve, no início da República, importância política quase semelhante à que teve no período Imperial. Poucos anos depois, Petrópolis passou a capital do estado do Rio de Janeiro entre os anos de 1894 e 1903. Este fato manteve sua relevância política.

1.4.1: O Palácio Rio Negro e os novos ares republicanos

O Palácio Rio Negro, como é hoje conhecido, foi edificado a partir de 1889 pelo senhor Manuel Gomes de Carvalho, intitulado Barão do Rio Negro ainda no Império. Em 1896, o Palácio foi adquirido pelo governo do estado do Rio de Janeiro para servir de residência para os presidentes do estado, ora sediada em Petrópolis. Com o retorno da capital do estado para Niterói em 1903, o prédio foi desocupado e hipotecado ao Banco da República.

Em 1904 a antiga residência do Barão do Rio Negro torna-se residência oficial de verão dos presidentes da República, através de um acordo entre o então presidente Rodrigues Alves e o Banco da República:

Nesse palácio, os presidentes retomaram oficialmente o hábito de D. Pedro II de despachar na serra durante a alta estação. A cidade, com o tempo, passa a erguer a bandeira da memória e da tradição, pelas mãos do novo regime, que pretendeu identificar-se tão

diretamente com o progresso que inscreveu parte do conhecido lema positivista na Bandeira Nacional modificada. (Lima, 2001:36)

Entre os anos de 1889 e 1904, os presidentes da República veranearam em Petrópolis, mas se hospedavam em casas alugadas ou de conhecidos. Com a oficialização do Palácio Rio Negro como residência de verão dos chefes de Estado, intensificou-se o hábito de veranear entre os presidentes. Estava criada a mais forte representação simbólica da República na cidade de Pedro.

O Palácio Rio Negro serviu de moradia de veraneio a vários presidentes: Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Wenceslau Brás, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luiz, Getúlio Vargas, Gaspar Dutra, Café Filho, Juscelino Kubitschek, João Goulart e Costa e Silva. O freqüentador mais conhecido do Palácio foi o Presidente Getúlio Vargas, que durante os 18 anos de presidência passou todos os verões na cidade¹⁷. A partir da transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960, o hábito de veranear foi enfraquecendo gradativamente entre os presidentes, principalmente pela distância física existente entre a cidade serrana e a atual capital federal. Em anos recentes, Petrópolis recebeu a visita dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

Seguindo o exemplo da Família Imperial e dos presidentes, Petrópolis tornou-se um importante reduto de intelectuais, artistas, nobres e políticos de diferentes épocas que ali estabeleciam suas residências de verão. Essas personalidades se instalaram em palacetes, casas de arquitetura peculiar ou em requintados hotéis, produzindo um espaço urbano bem singular em comparação com aquele encontrado em outras cidades brasileiras.

¹⁷ Informações extraídas do site da Fundação de Cultura e Turismo da Prefeitura de Petrópolis. Disponível em: <<http://www.petropolis.rj.gov.br/>> Acesso em 06/01/2009.

Capítulo 2: Da Vilegiatura ao Turismo de Massa: O advento do turismo organizado em Petrópolis

2.1: Capitalismo Industrial e o Turismo de Massa

Desde os primórdios da humanidade que o homem se desloca. Estes deslocamentos podem ser caracterizados de diversas maneiras: migrações, imigrações, mudanças, expansões, ocupações, etc. Muitos autores entendendo o turismo como viagem, ou seja, deslocamentos no sentido de ir e voltar, defendem que o mesmo se originou há milhares de anos:

Há autores que situam o começo do turismo no século VIII a.C., na Grécia, porque as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos a cada quatro anos (De la Torre, 1991: 12); outros acreditam que os primeiros viajantes foram os fenícios, por terem sido os inventores da moeda e do comércio (McIntosh 1972: 09) (...) (Barretto, 2001: 44).

Os autores citados por Barretto (2001) demonstram compreender o turismo apenas como um fenômeno originário das viagens, sem considerar seus outros elementos. Neste trabalho, será assumido que o turismo vai muito além do simples deslocamento. Para iniciar esta reflexão, tomarei emprestada as palavras de Ouriques (2003:35-6):

Olhando retrospectivamente, vamos lembrar que o homem, aqui entendido genericamente, sempre se deslocou. Desde a época de Moisés em sua travessia bíblica pelo Mar Vermelho (e aqui não opinamos sobre a veracidade histórica deste relato) até as viagens de Marco Pólo à China, chegando às viagens de conquista e colonização do que veio a se chamar de América, o homem viajou... Mas não podemos chamar isso de turismo. O que

queremos mostrar aqui é que o turismo é uma criação e uma possibilidade do capitalismo.

Com isto, Ouriques conclui que “(...) o homem sempre viajou, mas só muito recentemente começou a fazer turismo”. (2003:36). Outros autores também defendem a visão de que o turismo nasce com o capitalismo. Para reforçar a idéia, serão utilizadas as palavras de Moesch (2000:9):

O Turismo nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. A cada avanço capitalista, há um avanço do turismo. A partir de 1960, o turismo explodiu como atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e transformando-se em um fenômeno econômico, com lugar garantido no mundo financeiro internacional.

É no século XIX, quando o sistema capitalista adquiriu seu ímpeto, que muitos autores consideram o surgimento do chamado “turismo moderno”. Segundo Hobsbawm, “o capitalismo industrial produziu duas novas formas de viagens de prazer: turismo e viagens de verão para a burguesia e pequenas excursões mecanizadas para as massas em alguns países como a Inglaterra” (2000:285). O Turismo, assim como o lazer, surge como nova forma de produção e reprodução do capital. Com isso, as destinações turísticas passam também a ser entendidas como espaços de consumo.

Para Pires (2001) o inglês Thomas Cook foi o precursor do chamado “turismo moderno”. Segundo o autor, Cook foi o responsável pela organização da primeira excursão de trem, em 1841. Foi também Cook quem criou a primeira agência de turismo, a “Thomas Cook and Son”, tornando-se também primeira operadora de turismo do mundo:

Quando Thomas Cook morreu, em 1892, a Agência de Viagens Cook and Son era a mais importante do mundo. Sua importância, entretanto, está em ter descortinado um novo caminho, como pioneiro que foi. Por esta época, outras 500 agências de viagens

encontravam-se em atividade permanente e oferecendo seus serviços de forma profissional. (Fúster *apud* Pires, 2001:48)

Conforme a citação anterior, o século XX inicia-se nesse contexto. A era Cook foi determinante na transformação da viagem ao complexo fenômeno capitalista denominado turismo.

É no século XX que o turismo atinge o seu ímpeto. É nesse século que o turismo deixa de ser um privilégio das elites e são criadas condições para transformá-lo em um fenômeno mundial de massas. Segundo Montejano (2001:56), as principais conquistas obtidas que desencadearam o turismo de massa são as seguintes: a) Redução da jornada de trabalho, que gradativamente foi diminuindo até chegar às oito horas diárias na década de 1920, em alguns países mais desenvolvidos; b) Férias remuneradas que começam a se regulamentar por diversos países na década de 1930; c) Livre circulação de pessoas, devido aos acordos bilaterais e multilaterais firmados entre os países; d) Avanços técnicos e comerciais dos transportes e a “democratização” de seus preços (automóvel, trens, aviões, etc.); e) A “industrialização” maciça dos pacotes turísticos, organizados por operadoras de turismo.

2.2: Da Vilegiatura ao advento do Turismo organizado

Para compreender a surgimento e evolução do turismo, principalmente na cidade de Petrópolis, torna-se fundamental a compreensão de outro fenômeno anterior a ele: a Vilegiatura. Ambrozio realiza uma comparação entre as idéias de vilegiatura e de turismo a fim de conceituar a primeira:

A vilegiatura, aqui, foi conceituada como gênero adverso do turismo. Vilegiatura como velho contraparente do turismo. Uma designação renascentista para a estada ou permanência no campo, vida de campo ou morada no campo durante a estação calmosa, gerando vilas aristocráticas, diferentemente do turismo, variante do

vocábulo *tour*, que, de fato, apenas surgiu quando os trabalhadores dos países altamente industrializados foram incorporados, como sócios menores, aos benefícios do aumento da produtividade do trabalho, dentre esses proveitos, a redução da jornada de trabalho gerando maior tempo livre remunerado – as férias. O vocábulo turismo nasceu no século XIX na Inglaterra. Não existiria tal prática de deslocamento antes desse século e mesmo aí fora apenas organizado para a burguesia. Até então, deslocamento de cura ou descanso fora prática usual da aristocracia, com ritmo e lugares distantes vinculados à vilegiatura e, no tempo, apartados do turismo. (2008:18-19).

A diferença básica entre a vilegiatura e o turismo é que o primeiro seria direcionado para a aristocracia e o segundo nasce para a burguesia e evolui para as classes trabalhadoras. Ferrara, ao fazer uma comparação entre a vilegiatura e o turismo, como prática cultural institucionalizada, esboça a seguinte análise:

Porém, como prática cultural institucionalizada, há entre a *villeggiatura* e o turismo uma essencial diferença: a *villeggiatura* corresponde, como já foi dito, a uma atividade privada e, se possível, anônima; o turismo é atividade organizada, pública e comercial. Pode-se entender que as raízes do turismo como organização (*grifos meus*) estão vinculadas à criação do Touring Club da França em 1890 e do Guide Michelin em 1900. (Ferrara, 1996:21).

Pelo caráter público-comercial que diferenciava o turismo, tornou-se necessária a sua organização como setor de negócios, a fim de garantir a sua sustentação e seu consecutivo desenvolvimento. A organização do turismo, num primeiro momento, vai ocorrer entre atores privados que se preocupavam em alavancar este setor no intuito de maximizar seus ganhos financeiros, e também entre pessoas ou grupos de pessoas que se interessavam na prática do turismo como atividade de lazer em si. Alguns exemplos

de iniciativas organizadas ainda no fim do século XIX são a criação dos primeiros *Touring Clubs*, e a edição de guias de viagens comerciais, como citado anteriormente por Ferrara.

No fim do século XIX com o advento e popularização da bicicleta, várias pessoas optaram por viajar por meio deste novo meio de transporte. Sozinhas ou em grupos, os ciclistas começaram a viajar principalmente pelo interior dos países. Este tipo de deslocamento demandou uma série de novas necessidades como reservas de alojamentos, informações sobre vias de acesso e serviços de toda a ordem. Daí nasceu o *Touring Club* da França em 1890. Com a posterior ascensão do automóvel, os *Touring Clubs* vão se transformando em clubes de fomento e proteção ao turista em automóvel¹⁸. Com isso, foram surgindo *Touring Clubs* por vários países Europeus ainda no século XIX e se espalharam por outros países do mundo no século XX até ser criado no Brasil em 1923¹⁹ (Gastal & Castro, 2008:35).

Outras ações relevantes sobre a organização do turismo em seus primórdios estão na criação dos chamados “Sindicatos de Iniciativa de Turismo”. Segundo Boyer, estes sindicatos foram comitês de pessoas conhecidas que voluntariamente davam informações e prestavam serviços aos habitantes. Eles tinham como objetivo atrair e acolher bem os turistas. O primeiro deles foi o Sindicato de Iniciativa de Grenoble (França), fundado em 1889 (1999:67). Vale lembrar que o poder público só vai se preocupar com a organização da atividade turística algumas décadas depois.

2.3: O Turismo organizado na cidade de Petrópolis

Como explicitado no Capítulo 1, Petrópolis nasce como destino de veraneio da aristocracia. Pelas definições anteriores, pode-se afirmar que Petrópolis nasce como

¹⁸ É importante lembrar que “Durante diversas décadas após a sua invenção, bicicleta e automóvel foram meios de turismo – elitista – mas não meios de transporte que os entendemos atualmente (...) foi primeiramente para sair em férias que esses novos veranistas adquiriram um automóvel” (Boyer, 1999:09).

¹⁹ Vale lembrar que o *Touring Club* do Brasil só recebeu esta denominação em 1926. No ato de sua inauguração, foi nomeado de Sociedade Brasileira de Turismo.

uma *villa*²⁰ aristocrática: a *villa* de Pedro e de sua Corte que naturalmente vai se configurar como um importante destino de vilegiatura no século XIX.

Nos anos [18]60 já se contavam às dezenas de mansões de nobres cariocas, com seus baronetes, marqueses e viscondes que “na estação” escolhiam o local como sede para os encontros políticos e bailes sociais. A cidade torna-se uma espécie de vila européia, e lá todos vivem como se estivessem “na civilização”. (...) Não fossem os serviçais negros, que dividem o espaço com os imigrantes alemães, dir-se-ia que estávamos em uma nova Europa. (Schwarcz, 1998:239)

Já no início do século XX, com a crescente industrialização, o acelerado processo de urbanização, a ascensão da classe burguesa e do trabalho assalariado no Brasil acompanhado da difusão e evolução das vias e meios de transportes, pode-se dizer que a vilegiatura vai aos poucos dando lugar a outro fenômeno: o turismo.

No início do século 20, as novas camadas sociais como os burgueses, os funcionários públicos, os profissionais liberais se apropriam das práticas e dos lugares do turismo aristocrático. É desse modo que se estabelece uma relação paradoxal entre o turismo, invenção da elite, e as práticas do turismo de massa (Boyer, 1999:09).

A cidade do Rio de Janeiro é apontada por alguns autores, como principal destino turístico do Brasil no início do século XX. Vale lembrar que a atividade turística

²⁰ Boyer afirma que termo *villegiatura* se origina com a construção das mansões de verão em torno das cidades italianas no século 16, denominadas de *villas*, como as *villas* paladianas de Brenta. Boyer também afirma que a *villegiatura* é ancestral das residências secundárias. (2003: 21). Sobre as origens do termo *villegiatura*, vale também consultar o artigo AMBROZIO, J. *Viagem, Turismo e Vilegiatura*. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, nº 18, (pp. 105-113), 2005. Nele, o autor realiza um profundo estudo etimológico dos termos *Villa* e *Villegiatura*.

organizada na capital federal só se dá a partir das primeiras décadas do século. Segundo Castro:

No Brasil, foi apenas nas primeiras décadas do século XX que o turismo organizado começou a funcionar, tendo como principal centro a cidade do Rio de Janeiro. Surgiram os primeiros guias, hotéis turísticos, órgãos oficiais e agências de viagem destinados prioritariamente a atrair e a receber turistas. (1999:80-81).

Alguns acontecimentos históricos demonstram uma particularidade da cidade de Petrópolis quanto à organização e consolidação da atividade turística, pelo menos se compararmos com a capital federal, colocada sempre como precursora das novidades. Existem registros que apontam para a existência de uma empresa de turismo inaugurada ainda no ano de 1908, a chamada “Empresa ALEX” enquanto que a própria capital federal da época, Rio de Janeiro, só veio possuir agências de turismo a partir da década de 1920 (Santos, 2003:08).

Outro importante marco está na criação do “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petrópolis”, que data de 1922, enquanto a Sociedade Brasileira de Turismo, sediada na cidade do Rio de Janeiro, é de 1923. Vale lembrar também que importantes hotéis de Petrópolis como o Hotel Bragança, Hotel Inglês e Hotel Beresford, já aparecem freqüentemente nos relatos de viajantes ainda da década de 1860, enquanto alguns marcos da hotelaria carioca como o Hotel Copacabana Palace só aparecem na década de 1920. Esses dados históricos refletem um pioneirismo da organização do turismo na cidade de Petrópolis e demonstram a importância dessa atividade desde seus primórdios.

Apesar disso, o poder público municipal só vai se preocupar com a organização e regulação da atividade a partir da década de 1950. Em 1952 foi criado o primeiro órgão de turismo no município: A Inspeção de Turismo do Município de Petrópolis²¹,

²¹ A Inspeção de Turismo do Município de Petrópolis foi criada pela Deliberação nº 322, de 31 de março de 1952 pela administração do prefeito Cordolino José Ambrósio (PTB), tendo como atribuições: “a) Propaganda do Município; b) Difusão do turismo; c) Organização de excursões turísticas; d) Controle do elemento turista”.

transformada em 1962 em Departamento de Turismo e Certames²². Mas é apenas no ano de 1973 que o poder público começa a tomar efetivas ações quanto à organização da atividade turística. É na gestão do prefeito Paulo José Alves Rattes (MDB) que se institui a primeira Política Municipal de Turismo e se cria a Empresa de Turismo de Petrópolis (denominada PETROTUR).²³

2.3.1: João Roberto D'Escagnolle e a “Empreza ALEX”

João Roberto D'Escagnolle foi um jornalista e publicitário de destaque em Petrópolis no início do século XX. Chegou com a família na cidade no ano de 1894 e depois de trabalhar como diretor e como correspondente de jornais e revistas cariocas, D'Escagnolle funda a revista “Verão em Petrópolis” em 1902. Esta revista era publicada nos verões e tinha como público-alvo os veranistas que se direcionavam para a cidade serrana. D'Escagnolle também foi responsável por várias outras publicações de cunho jornalístico, publicitário e literário.



Figura 11: Foto de João Roberto D'Escagnolle (autoria desconhecida, s/d).
Fonte: http://www.rauldeleoni.org/patrono_joao_roberto_descagnolle.html²⁴

²² Em 4 de dezembro de 1962, o então prefeito Nelson de Sá Earp (UDN), através da Deliberação nº 1611, transforma a Inspeção de Turismo em Departamento de Turismo e Certames, adicionando ao mesmo as seguintes atribuições: “a) manter um escritório central de Turismo, de preferência no Centro da Cidade; b) manter intérpretes para atendimento dos turistas estrangeiros, podendo os mesmos serem requisitados na Secretaria de Educação do Município, ou entre os estudantes de Petrópolis, mediante concurso; c) manter ou contratar ou por concorrência pública, ônibus de preferência com serviço sonoro interno, para conduzir os turistas aos pontos de visitas da cidade.” Além disso, o mesmo decreto cria o Conselho Municipal de Turismo.

²³ Deliberação nº 3.509, de 20/12/1973.

²⁴ Acesso em 15/01/2009, 15:19 h.

A “Empreza ALEX” foi fundada por ele em 1908. Tratava-se de uma empresa que inicialmente se apresentava como uma agência publicitária voltada para a divulgação das riquezas ambientais do município e que depois foi se diversificando para as mais distintas prestações de serviços. A empresa foi responsável pela edição de mapas, folhetos e guias de turismo ainda nas décadas de 1910 e 1920, onde se destaca o guia “Petrópolis Cidade do Brasil: A Rainha das Serras” (1910). No referido guia, ao apresentar a “Empreza ALEX”, os seguintes objetivos são expostos:

- a) Organizar ou auxiliar excursões a Petropolis, colaborando nesse sentido, quanto possivel, com as empresas de viação e de transporte;
- b) Promover, por meio de festas e pequenas exposições etc., a concurrencia de familias nacionaes e estrangeiras á cidade de Petropolis;
- c) Tratar de obter melhora nas instalações dos seus associados, quando veraneando em Petropolis e o mesmo quanto aos meios de transporte e outros serviços;
- d) Estudar todas as questões de interesse geral do Municipio e particularmente da Cidade de Petropolis.

Ao analisar os objetivos da empresa, pode-se afirmar que a ALEX de alguma forma foi uma agência de prestação de serviços de turismo. Pelos objetivos descritos e pela evolução apresentada nos anúncios, entende-se que a “Empreza ALEX” apresenta serviços diretamente relacionados com o agenciamento e a prestação de serviços em turismo ainda no ano de 1910.

Vale lembrar que a “Empreza ALEX” também se destacou por uma infinidade de outros serviços. Segundo o anúncio publicado na própria revista Verão em Petrópolis²⁵ de 1914, “A ‘ALEX’ faz tudo – tudo sabe e tudo informa”. Dentre a diversidade dos serviços oferecidos estão transações e corretagens imobiliárias, serviços de transportes, de construção civil, serviços publicitários e contratação de seguros.

²⁵ No capítulo 3, serão analisadas em detalhes as publicações “Verão em Petropolis” e o guia “Petrópolis Cidade do Brasil: A Rainha das Serras”.

OS SERVIÇOS DA "ALEX"

COMPRA, VENDE e hypotheca predios, terrenos, propriedades agricolas e industriaes, por conta de terceiros.

ALUGA predios, mobiliados ou não, encarregando-se de todas as installações, taes como de luz electrica e outras e tambem de serviços domesticos.

CONTRACTA Annuncios em postes para as avenidas e praças de Petropolis.

FAZ orçamentos e plantas para construcções de predios, fabricas, etc., bem como aceita empreitadas por conta propria ou por administração.

TRANSPORTA volumes e bagagens para qualquer ponto da Capital ou em Petropolis, entregando a domicilio.

CONTRACTA seguros de vida, contra fogo e seguros contra accidentes.

RECEBE assignaturas para todos os jornaes e Revistas nacionaes e do estrangeiro.

TIRA copias em machinas de escrever e executa qualquer trabalho em desenho, photographia e photo-gravura.

AGENCIA productos da industria do Paiz e com especialidade os das fabricas estabelecidas em Petropolis.

ENCARREGA-SE de toda e qualquer propaganda, como distribuição de circulares, impressos, avulsos, etc. e tudo que se relacione ao genero propaganda e de publicidade em Petropolis, a primeira cidade do Brazil.

Avenida 15 de Novembro, 785 e 1024 - PETROPOLIS

Figura 12: Os Serviços da ALEX (Parte 1)
Fonte: Verão em Petrópolis (1914:s/p)



EMPRESA "ALEX"
 FUNDADA EM 1908
 — PETROPOLIS —

Director Proprietario : J. Roberto d'Escagnolle
 256, Av. 7 de Abril — Telephone 172

BANQUEIRO - BANCO DE PETROPOLIS

Commercio — Industria — Propaganda
 — IMPRENSA —
 Comissões — Representações
 Procuradoria junto ás Repartições Publicas
 Compras, vendas e alugueres de PREDIOS
 Terrenos — Chacaras
 Propriedades industriaes e agricolas
 Construcções — Hypothecas — Reconstrucções

Empresa editora das publicações :
 "Verão em Petropolis", "Guia ALEX" e
 "Anuario do Estado Rio"

Festas artisticas — Exposições, etc.
 A Empresa "ALEX" encarrega-se de todos os serviços que
 possam interessar aos Srs. Veranistas e ao publico
TUDO POR PETROPOLIS

Figura 13: Os Serviços da ALEX (Parte 2)
 Fonte: Verão em Petrópolis (1921:s/p)

Os Serviços da "ALEX"

COMPRA, VENDE E HYPOTHECA casas, terrenos chácaras, propriedades agricolas e industriaes, por conta de terceiros.

ALUGA predios, mobiliados ou não, encarregando-se de todas as installações, taes como de luz electrica e outras e, tambem, limpezas a domicilio.

CONTRACTA anuncios de qualquer systema para as avenidas e praças de Petropolis.

FAZ orçamentos e plantas para construcções de predios, fabricas, etc., bem como aceita empreitadas por conta propria ou por administração.

TRANSPORTA volumes e bagagens para qualquer ponto da Capital ou em Petropolis, entregando a domicilio.

CONTRACTA seguros de vida, contra fogo e seguros contra accidentes.

RECEBE assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiros.

TIRA copias em machinas de escrever e executa qualquer trabalho em desenho, photographia e photo-gravura.

AGENCIA productos da industria do Paiz e com especialidade os das fabricas estabelecidas em Petropolis.

PROCURADORIA junto ás Repartições Publicas.

ORGANISAÇÃO de festas artisticas, excursões, turismo, etc.

ENCARREGA-SE de toda e qualquer propaganda, como distribuição de circulares, impressos, avulsos, etc. e tudo que se relacione ao genero propaganda e de publicidade em Petropolis, a primeira cidade da America do Sul.

AVENIDA 7 DE ABRIL N. 256
PETROPOLIS

Figura 14: Os Serviços da ALEX (Parte 3)
 Fonte: Verão em Petrópolis (1923:s/p)

Vale lembrar, que João Roberto D'Escragnolle, além de empresário, foi uma personalidade de relevante destaque na cidade. Ele foi responsável pela fundação da Academia Petropolitana de Letras e também sócio-fundador do “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”. Junto da “Empresa ALEX” e de tantas outras publicações de sua autoria, ele foi responsável pela divulgação das belezas e dos atrativos do município. João Roberto D'Escragnolle faleceu em 1925. Mas, seu filho Luís Afonso D'Escragnolle²⁶ continuou algumas de suas empreitadas, dentre elas, a publicação da revista “Verão em Petrópolis” que ressurgiu em 1930. Na edição especial de janeiro, foi publicado um texto que homenageava o seu fundador intitulado “Figuras de Hontem” onde foi exposta a seguinte frase de João Roberto D'Escragnolle: “Os poderes publicos não fazem propaganda digna dos creditos da cidade. Faço-a, eu sozinho, na medida das minhas forças” (Verão em Petrópolis, 1930:s/p). Este desabafo de D'Escragnolle ajuda a afirmar que o Estado pouco (ou nada) fez pela organização e divulgação do turismo no município naquela época.

2.3.2: O “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”

Em 27 de agosto de 1922, ocorreu a primeira Assembléia Geral Ordinária que aprovou os estatutos da nova associação “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”. O Sindicato era composto principalmente por veranistas célebres que passavam os verões na cidade. Dentre eles destacam-se o presidente Alberto de Faria (advogado e escritor carioca), o vice-presidente Oscar Weinschenck (ex-prefeito de Petrópolis) e o secretário geral Cerqueira Lima (industrial), além de contar com membros de ilustres famílias cariocas como Guilherme Guinle e Octavio da Rocha Miranda.

²⁶ Luís Afonso D'Escragnolle também foi uma importante personalidade da cidade, sendo um dos primeiros diretores do Museu Imperial de Petrópolis.



Figura 15: Foto de Alberto de Faria
Fonte: Guia de Petropolis (1925:19)



Figura 16: Foto de Cerqueira Lima
Fonte: Guia de Petropolis (1925:21)

No dia 24 de setembro de 1922, elegeram-se o Conselho de Honra e a diretoria do Sindicato. Finalmente no dia 15 de outubro de 1922 toma posse a diretoria e também é aprovada a modificação de seu estatuto. Seguindo os moldes dos Sindicatos de Iniciativa de Turismo europeus, o Sindicato petropolitano tinha a seguinte finalidade, segundo o primeiro artigo de seu estatuto:

Artigo 1.º - O "Syndicato" tem por fim o estudo e a realização das medidas próprias a aumentar a prosperidade e a beleza de Petropolis e sitios adjacentes. O "Syndicato" se interessará por chamar a atenção dos moradores e visitantes para todas as curiosidades da região: os monumentos, os logares e paisagens interessantes, etc. O "Syndicato" se propõe emfim, attrahir os visitantes, procurando retelos, fornecendo-lhes, por meios praticos uma agradável estadia. O "Syndicato" procurará desenvolver o turismo sob todas as formas, a constituir a inspecção da região, no

ponto de vista da conservação das estradas e da guarda das bellezas naturaes ou historicas.²⁷

Com isso, o Sindicato de Turismo promoveu uma série de iniciativas no município. Uma das primeiras ações foi a edição da revista “Petropolis - Turismo” que promovia os atrativos e potencialidades da cidade ao mesmo tempo em que divulgava as ações promovidas pelo Sindicato, além de publicar inúmeros artigos em prol do desenvolvimento da atividade turística no município e no Brasil²⁸. Outras iniciativas que podem ser destacadas são a elaboração do “Guia de Petrópolis”, de 1925 e também da promoção de concursos e eventos.

Tendo-se fundado o ‘Syndicato de Iniciativa de Turismo do Municipio de Petropolis’, com o fim de, proporcionando melhorias e embellezamento a essa linda cidade do Estado do Rio, captar para ella o numero maior de visitantes ... com a preocupação apenas, que se desenvolva o Turismo sob múltíplices formas em Petropolis.
(Petropolis-Turismo:s/p)

Entre os membros da diretoria, estava o industrial Pedro Benjamim de Cerqueira Lima, secretário geral do Sindicato. Em entrevista concedida à “Revista a Estrada de Rodagem” de 1923, Cerqueira Lima promove o seguinte discurso em prol da organização do turismo brasileiro:

O turismo, meu amigo, está feito e de modo a nos causar auspiciosa expectativa... As tentativas tenazes nesse sentido: os passeios, os raids; o constante movimento de excursionistas, de toda a gente que procura se recreiar e se instruir; a ansiedade mesmo, em geral, que

²⁷ O Estatuto aparece tanto nos diferentes números da Revista “Petropolis-Turismo” (1923, 1924), quanto no Guia de Petropolis (1925).

²⁸ No próximo capítulo, analisarei com maior profundidade os conteúdos da revista “Petrópolis-Turismo”, o “Guia de Petropolis”, e também alguns discursos e causas defendidas pelo Sindicato.

noto em palestras com pessoas que, sei, aspiram dilatar o âmbito de nossas possibilidades industriais e econômicas, tudo isso me dá a impressão de já possuímos aqui o que observei no estrangeiro... Falta-nos ainda, vamos dizer, uma completa actuação, harmonica em seu conjunto, de tantos elementos dispersos e aproveitáveis... E o turismo, organizado no Brasil como deve ser não nos trará a imigração do ouro estrangeiro? Estou certo de que assim como o brasileiro vai gastá-lo lá, no Brasil, devido a uma perfeita organização turística, seria Brasil procurado por inúmeros excursionistas, que aqui chegando unicamente despertados pelo desejo de conhecerem o país, suas bellezas naturais e artisticas, encontrariam também pelo conhecimento dos muitos recursos e facilidades, ocasião de empregar capitães, crear industrias, com o que, contribuiriam para o engrandecimento do país. Organizado, portanto, o turismo, não só despertará no espirito do visitante das capitães e cidades principais as idéas apontadas, mas também o levará pelo interior a observar "de visu" nossas florestas, terras de cultura, fabricas, etc... o que tal succederia por certo, desde que lhe fossem facilitadas todas as indicações, meios de transportes, etc., para tal fim.²⁹

O “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Municipio de Petropolis” obteve destaque no cenário nacional, influenciando inclusive a criação da “Sociedade Brasileira de Turismo” no ano seguinte. Vale lembrar que alguns dirigentes do Sindicato petropolitano fizeram parte da diretoria da Sociedade Brasileira de Turismo:

²⁹ Esta entrevista foi transcrita na íntegra no artigo “Uma instituição de turismo no Brasil em 1923” assinado por Márcio BENSUASCHI. Extraída de <<http://www.turismologia.com.br/reportagem.asp?codigo=73&estado=RJ>> em 31/07/2009 às 17:17.

Mas, a Sociedade Brasileira de Turismo, que já é uma realidade, tem a sua verdadeira origem no “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”, do qual esta revista é o orgam, desde o início.

Realmente é justo que se remonte, ha um anno, a Petropolis, onde outro núcleo de cavalheiros da escól social se reunia também a fundação do “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”. Então, como agora, foi o iniciador desse empreendimento o sr. P. B. de Cerqueira Lima ... (Petrópolis-Turismo, 1924:s/p).

Apesar de não encontrar nenhuma evidência contrária, não se pode afirmar ainda que o Sindicato de Iniciativa petropolitano foi a primeira associação de turismo do Brasil; provavelmente, todavia, foi uma das primeiras. O que pode-se afirmar é que o Sindicato de Iniciativa de Petrópolis surgiu antes da Sociedade Brasileira de Turismo e suas ações, atores e ideais foram fundamentais para constituição da mesma. Vale também lembrar que após alguns anos, as duas associações se transformaram em Touring Club de Petrópolis e Touring Club do Brasil, respectivamente.

Capítulo 3: Narrativas e imagens do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930.

3.1: A construção da “natureza turística” de um lugar

Considerando as questões propostas na pesquisa, o principal conceito utilizado será o de construção da “natureza turística” que Castro descreve da seguinte maneira:

A “natureza turística” da cidade é aqui entendida como uma construção histórica e cultural, não como um dado eterno. Esse processo envolve a criação de um sistema integrado de significados por meio dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada, e tem como resultado o estabelecimento de narrativas a respeito do interesse que a cidade tem como destinação turística. Essas narrativas, que se modificam com o tempo, em alguma medida antecipam o tipo de experiência que o turista deve ter e necessariamente envolvem seleções: enquanto alguns elementos são iluminados, outros permanecem na sombra (Castro, 2002: 119).

Esse conceito será aplicado a fim de compreender as construções culturais que vêm definindo a “natureza turística” do município de Petrópolis e as modificações que ocorreram através dos tempos, em diferentes contextos históricos. No presente trabalho, como já explicitado anteriormente, será enfatizado o período histórico localizado no início do século XX.

As narrativas e imagens que determinam a natureza turística de um lugar, em muita das vezes são construídas pelos meios de comunicação de massa. Segundo Boyer, “As diversas *mídias* tecem elogios aos lugares turísticos, às atrações, levam a descobrir países distantes. (...) O cinema, a televisão, a publicidade atualmente fazem um número cada vez maior de pessoas partir...” (2003:34). Dentre as mídias mais importantes deste processo, destacam-se os guias e folhetos turísticos. Segundo Castro:

Os guias e folhetos turísticos procuram orientar o olhar do turista, oferecendo seleções de locais dignos de atenção, roteiros de visitas e adjetivos para descrevê-los. Eles antecipam a experiência daquele que viaja, que muitas vezes sente prazer no simples reconhecimento *in loco* daquilo que já viu ou leu. A repetição de narrativas e imagens associadas a um lugar vai cristalizando e disseminando sua qualidade turística. (Castro, 1999:84)

Com base na argumentação apresentada, acredito que os guias turísticos e as mídias especializadas para os viajantes³⁰, se constituem como relevantes referências para se analisar a construção da natureza turística de uma localidade num determinado momento histórico.

3.2: A pesquisa: metodologia e fontes

O estudo foi realizado através de pesquisa documental, bibliográfica e iconográfica retratando narrativas e imagens do turismo em Petrópolis, através de revistas e guias de viajantes. O levantamento foi realizado nos seguintes locais e fontes:

- 1) “Sala Petrópolis”, localizada na Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral: possui um vasto acervo documental, bibliográfico e iconográfico sobre o turismo na cidade, contando com guias, revistas, mapas e folheterias de turismo em diferentes épocas. Boa parte dos guias e das revistas utilizadas foi extraída deste acervo;
- 2) Acervo particular do Professor Joaquim Eloy dos Santos: presidente do Instituto Histórico de Petrópolis, pesquisador e interessado pelo tema, possui em seu acervo pessoal uma variedade de revistas e outras publicações raras editadas no início do século XX. Grande parte das revistas analisadas foi cedida por ele;

³⁰ Para saber mais sobre as origens e evoluções dos guias de viagens e também de outros meios de comunicação relacionados com o turismo, uma boa referência é Montejano, em seu capítulo 23: “Jornalismo turístico e literatura de viagem” (2001:301-312).

- 3) Biblioteca do Museu Imperial de Petrópolis (M.I.P.): guarda quatro obras raras³¹ publicadas por viajantes do século XIX que passaram pela cidade, além de possuir alguns guias do século XX. Um dos guias procurado, só foi encontrado nesta biblioteca;
- 4) Biblioteca da Universidade Católica de Petrópolis (UCP): também possui um acervo específico dedicado a história de Petrópolis. Alguns livros sobre a história da cidade foram consultados neste local.

As principais dificuldades encontradas durante a pesquisa referem-se ao período escolhido. O início do século XX não é muito enfatizado pelos estudiosos e pelas instituições de pesquisa e documentação locais. Por isso, existe uma dificuldade em encontrar fontes secundárias que relatam de forma aprofundada esse período histórico em Petrópolis. Os estudos existentes se concentram mais no século XIX, destacando-se o Segundo Império³². O Turismo na cidade, em suas diferentes épocas, também foi muito pouco estudado. Por isso, levantamentos sobre a história do Turismo em Petrópolis praticamente inexistem ou quando ocorrem, aparecem de forma dispersa ou fragmentada.

Tive também algumas dificuldades para consultar os acervos. Algumas obras apresentaram estado de conservação bem deteriorado. Também tive dificuldade em referenciar as publicações, pois algumas delas não apresentavam datas e nem mesmo a editora responsável. Outro problema vivenciado foi com a localização de algumas delas. O “Guia de Petrópolis” (1925), por exemplo, foi procurado em quatro bibliotecas diferentes até ser localizado. Apesar dessas dificuldades, foi possível localizar e digitalizar um quantitativo relevante de obras..

³¹ Já citadas anteriormente em diferentes capítulos.

³² O Museu Imperial de Petrópolis (M.I.P) é um dos principais centros de pesquisa e documentação sobre o Segundo Império no Brasil.

3.3: Revistas e guias turísticos da época

Para melhor entender como se originou a organização do turismo em Petrópolis e para analisar a construção de sua “natureza turística”, tomei como referência alguns guias e revistas voltadas ao público viajante da cidade no início do século XX. Tive o cuidado de selecionar apenas publicações produzidas em Petrópolis, a fim de entender como se deu a organização e a natureza turística do município através de seus atores e instituições locais.

Publicações destinadas a viajantes foram produzidas em Petrópolis desde o período imperial. A primeira obra relevante que se tem registros, seria o ensaio de Carlos Augusto Taunay, denominado “Viagem Pitoresca a Petrópolis”³³ de 1862. Muitas outras obras foram produzidas com fins de divulgação da cidade. Silveira Filho, ao escrever sobre os guias publicados em Petrópolis, afirma:

Por tal é que a publicação de guias foi um elemento da maior importância no passado de nossa cidade, e que muito contribuiu para celebrizá-la em vários particulares, pela grande eficiência na apresentação de guias e roteiros (indicadores). A época de ouro dos mesmos situa-se no período de 1885 a 1928, quando ocorrem as explosões tipográficas em nossa cidade (mais precisamente na República Velha). (Silveira Filho, 1985:1)

O período da República Velha foi bem significativo quanto à produção dos guias de viajantes. Conforme analisado nos capítulos anteriores, foi justamente nesta época que o fenômeno da *villegiatura* foi aos poucos dando lugar ao turismo organizado. Um dos fatores que determinaram a transição da *villegiatura* para o turismo organizado em Petrópolis foi o surgimento dos guias e de uma imprensa especializada para este fim.

Como já foi tratado anteriormente, surgiram nas primeiras décadas do século XX várias tipografias e editoras que produziam não só guias, mas publicações dos mais

³³ Obra já analisada no capítulo 1, item 1.3.

diversos gêneros. Sobre a imprensa petropolitana desse período, Silveira Filho faz a seguinte afirmação:

Como vem sendo discorrido em nossos trabalhos sobre a imprensa petropolitana, esta por número e variedades de publicações foi uma das mais importantes do Brasil, com um excelente parque tipográfico e dotado dos mais experientes profissionais, no que nada deixou a dever à da capital e às das mais importantes cidades do país. (Silveira Filho, 1985:1)

Um tipo de publicação que se destacou na época foi das revistas que tratavam das mais variadas temáticas como religião, literatura, política, informação, vida social, esportes, diversões, dentre outras. Silveira Filho (s/d:s/p)³⁴, em um ensaio sobre as revistas petropolitanas na República Velha, listou 22 títulos de periódicos diferentes que surgiram neste período.

As publicações que serão analisadas a seguir não tinham como finalidade principal a divulgação e orientação dos atrativos, como era o caso dos guias turísticos. As revistas tinham um cunho mais informativo contando às vezes com um tom mais crítico e abordando alguns temas de interesse político. Como muitas vezes elas se direcionavam para os veranistas, que geralmente eram a classe mais abastada e que passava apenas alguns meses na cidade, elas acabavam destacando os pontos turísticos, divulgando eventos e acontecimentos relevantes como a visita de celebridades veranistas da época.

Muitas destas revistas eram distribuídas nos Clubes de então, chegando inclusive a circular nos trens e na estação ferroviária ou nos Cafés. Eram geralmente impressas às vésperas da chegada de comitivas para o verão petropolitano, com presidentes, funcionários

³⁴ SILVEIRA FILHO, O. F. *A Imprensa petropolitana na república Velha: revistas*. Extraído de: <<http://profferreira.sites.uol.com.br/histimprensrevistas.htm>> em 02/02/2010. O artigo aparece no site com a seguinte observação: “Este ensaio continua inédito. Não foi publicado pela imprensa”

públicos e legações estrangeiras. Algumas funcionavam inclusive como roteiro de festas, piqueniques, e outras atividades. (Silveira Filho, s/d:s/p)

Depois de analisar uma série de publicações da época, encontrei uma variedade de materiais direcionados ao público viajante que vinha a Petrópolis. Inicialmente, pensei em trabalhar exclusivamente com os guias. Mas, durante a investigação, percebi que as revistas também apresentavam relevantes conteúdos documentais e iconográficos sobre o tema proposto. Este conjunto de informações veiculadas por estas revistas foram fundamentais para construir a natureza turística de Petrópolis no início de sua organização.

Encontrei nos diferentes centros de documentação pesquisados uma relevante diversidade de publicações³⁵ deste gênero. Ao analisar grande parte dos materiais, achei que tanto os guias como as revistas publicadas pela “Empreza ALEX” e pelo “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis” (S.I.T.M.P.) foram as obras que melhor atendiam os objetivos da pesquisa em questão, não só pela qualidade gráfica e pelo pioneirismo das publicações, mas também por serem as duas instituições de fundamental relevância na organização do turismo local. Consecutivamente, foram importantes agentes que contribuíram na construção da “natureza turística” do município. Além disso, os guias e revistas das outras editoras não se diferenciavam muito em conteúdo em relação aos materiais selecionados.

³⁵ Para saber mais sobre os vários guias, revistas e outras publicações raras em Petrópolis no período, o historiador e professor Oazinguito Ferreira Silveira Filho (1985, 2009, 2010) publicou no jornal Tribuna de Petrópolis e no seu site particular < <http://profferreira.sites.uol.com.br/histimprensrevistas.htm> > alguns ensaios sobre a história da imprensa, das tipografias e de várias obras produzidas em Petrópolis na República Velha. Estes ensaios contêm uma descrição resumida de grande parte das publicações encontradas. Vale lembrar que estes ensaios são uma das poucas fontes secundárias encontradas sobre o assunto.

3.3.1: “Petrópolis Cidade do Brasil: A Rainha das Serras” (1910)

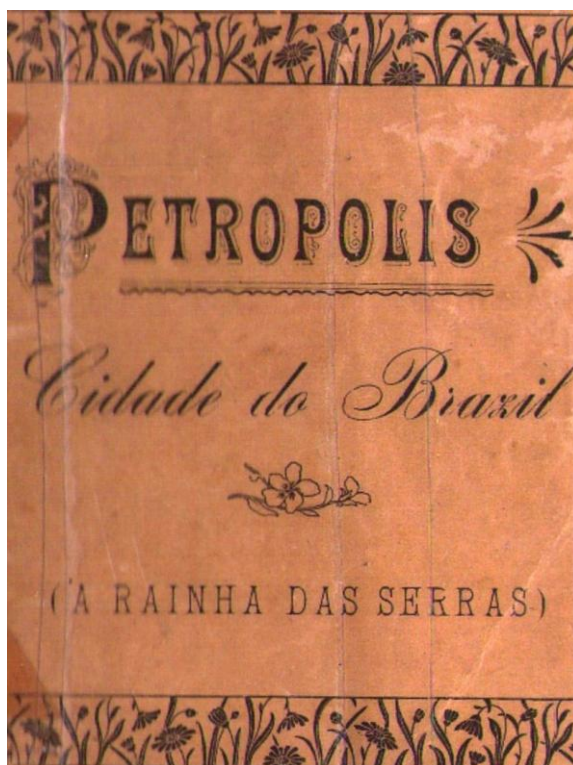


Figura 17: Capa do guia “Petrópolis Cidade do Brasil: A Rainha das Serras”.
Fonte: Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral

Este guia se destaca primeiramente por ser editado pela já mencionada “Empresa ALEX”, que tinha a frente o empresário, publicitário e escritor João Roberto D’Escragnolle. O que também chama atenção é o acabamento gráfico, bem superior ao de outras obras semelhantes da época. O guia apresenta fotografias e ilustrações de diferentes pontos da cidade.

Outra questão relevante foi o fato dele ser o primeiro a se apresentar como um guia para turistas. A sétima página inicia a seguinte seção: “Guia para o ‘touriste’³⁶: como se faz a viagem do Rio para Petropolis” e mostra o trajeto adotado pelo turista para chegar a cidade através de seu principal centro emissor: a capital, Rio de Janeiro. Para isso, o guia demonstrava os meios de transporte disponíveis, serviços de

³⁶ Observe que a expressão “touriste” (turista) ainda aparece escrita em francês.

alimentação no trajeto, preços de passagens e serviços, além de destacar as belezas do caminho.

Em seguida, ao descrever Petrópolis, o guia utiliza a seguinte expressão: “É a mais bella, elegante, pittoresca e aprazível cidade da América do Sul.” (08). Vale lembrar que toda a seção se repete em três idiomas: português, francês e inglês, característica ainda inédita entre os guias petropolitanos.

Ao analisar a obra percebe-se duas características bem marcantes das descrições da cidade e de seus atrativos:

- a) Grande alusão à privilegiada situação climática e da condição higiênica e de salubridade da cidade:

O guia apresenta Petrópolis como um local que proporciona clima e temperaturas bem mais agradáveis do que as demais cidades. Fala também sobre uma combinação de questões geográficas como relevo, vegetação, hidrografia e altitude que, aliados a bons serviços urbanos como abastecimento de água e distribuição de energia elétrica, colaborou para a construção da noção de cidade higiênica e salutar ou de “cidade de cura”, como explicitado no fragmento do texto “A doçura thermica de Petropolis” redigido pelo senhor Paschoal de Moraes:

Petropolis gosa, pela sua excellente e siblime localisação alterosa e cheia de farta e vigorosa vegetação, de uma temperatura supportavel e amena e de um clima incomparavelmente pulchro, abundante de salubridade propria, admiravel.

Nunca nos constou que, na venturosa cidade, medrasse epidemias nem endemias de especie alguma; o mesmo obituario natural da *civitas*, que tem cerca de 25.000 (hab.), no estio, ás vezes, em um, dois e mais dias, é nullo ou insignificante. É que as excellentes condições climaticas, favorecidas, da cidade, em tudo são as mais benignas e hygienicas que se possam desejar para viver-se e attingir-se mesmo á venerada longevidade (25-26).

Outros detalhes interessantes ajudam a firmar a idéia de “cidade de cura”. São muitos os anúncios publicitários de médicos, farmácias e estabelecimentos hidroterápicos. Seguem abaixo dois interessantes anúncios:

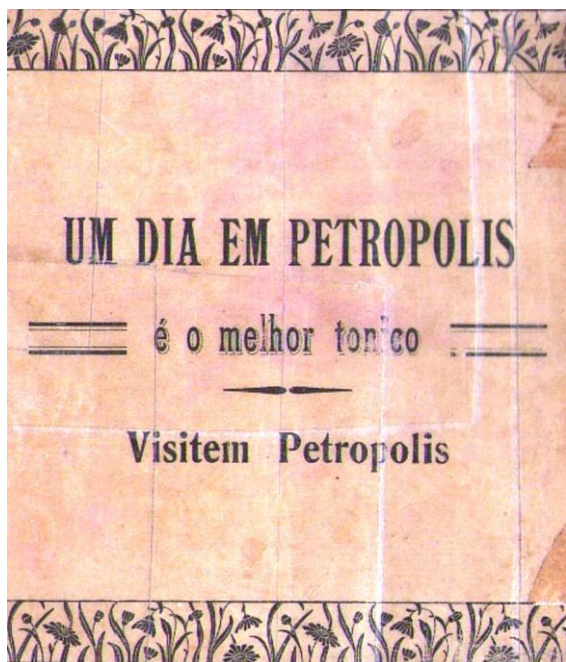


Figura 18: Contra-capa do guia “Petrópolis Cidade do Brasil”

Fonte: Petrópolis Cidade do Brasil (1910:s/p).



Figura 19: Anúncio de procedimentos médicos
Fonte: Petrópolis Cidade do Brasil (1910:s/p).

b) Destaque para os atrativos dos bairros periféricos: Bem diferente dos guias e publicações atuais, que enfatizam o Centro Histórico e seus arredores:

Curiosamente, esta publicação faz menção a bairros que nos dias atuais não aparecem nos roteiros turísticos convencionais. Uma interessante passagem do guia apresenta esses bairros como passeios pitorescos por Petrópolis:

Entre os muitos passeios pitorescos citaremos os da Crêmerir Buisson, Cascata Itamaraty, Represa do Caxambú, Estrada da Saudade e Cascatinha. (p.08-9).

Outra questão relevante encontra-se na apresentação do mapa da cidade pelo guia.

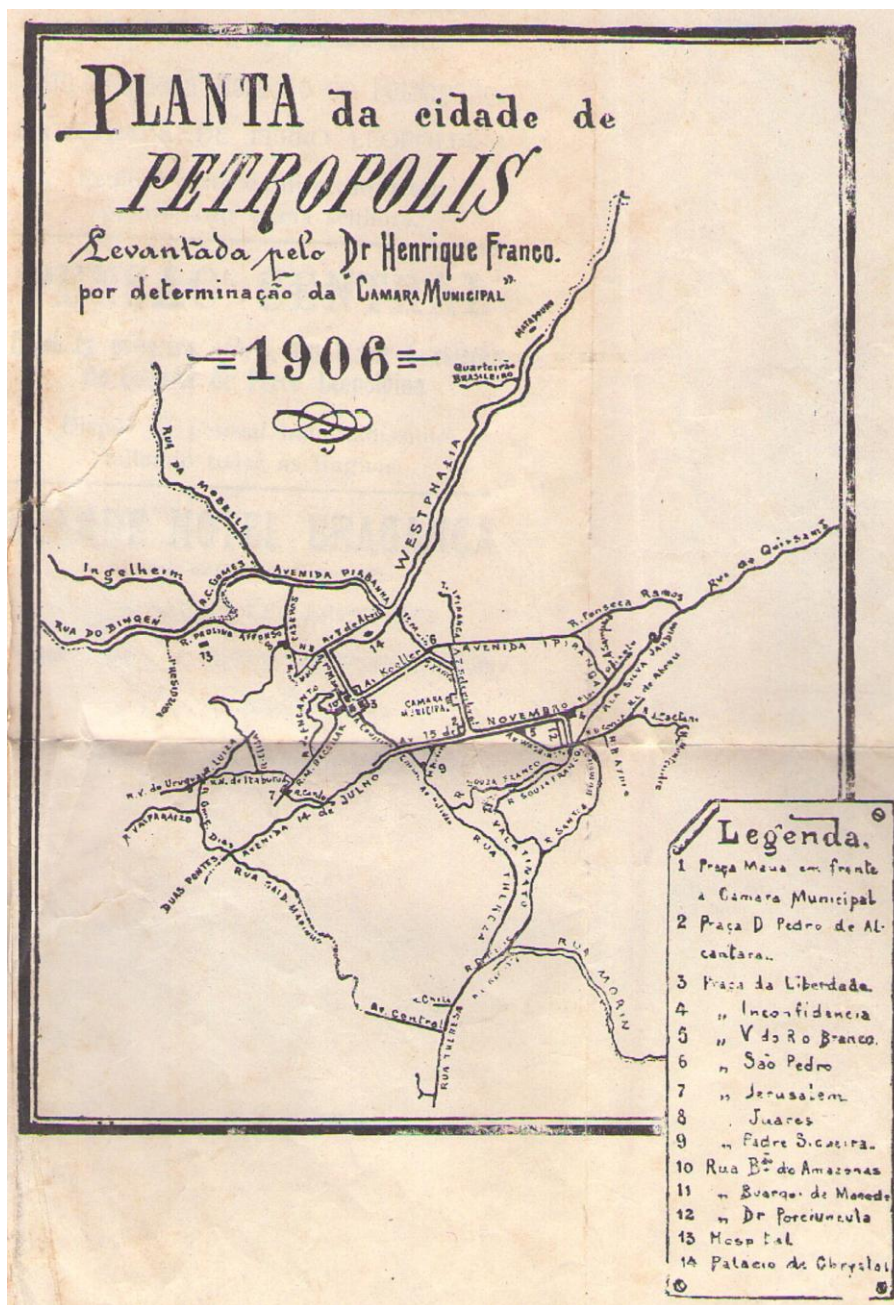


Figura 20: Planta da cidade de Petrópolis de 1906.

Fonte: Petrópolis Cidade do Brasil (1910:s/p).

Ao observar a legenda, verifica-se que a maioria dos pontos referenciados pelo mapa são praças. O discurso higienista da época enfatizava que “a relação entre uma praça e uma cidade devia ser idêntica à relação do pulmão com o corpo”³⁷. Ou seja, a salubridade de uma cidade estava diretamente ligada ao número de praças e passeios públicos que ela possuía. Vale enfatizar que o Rio de Janeiro, antes das reformas

³⁷ Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1852. GUERRA, D. M. *Apud* Benchimol (1990: 117). Citação já apresentada no item 1.2

urbanas, possuía pouquíssimas praças e este quesito foi lembrado por Koeler³⁸ ao planejar a cidade de Petrópolis.

O mapa que consta no guia não deve necessariamente ser tratado como um “mapa turístico”, ou seja, um mapa confeccionado prioritariamente para direcionar o turista para os atrativos e equipamentos que podem lhe interessar na localidade visitada. Como pode ser observado em seu cabeçalho, ele é descrito como uma “Planta da cidade de Petropolis levantada pelo Dr. Henrique Franco por determinação da ‘Camara Municipal’”. Provavelmente foi uma planta levantada para as mais diversas finalidades. Mas o que deve ser considerado é o fato de ele aparecer dentro de um guia de turismo, o que pressupõe sua utilização para a orientação de turistas.

3.3.2: “Guia de Petrópolis” (1925)

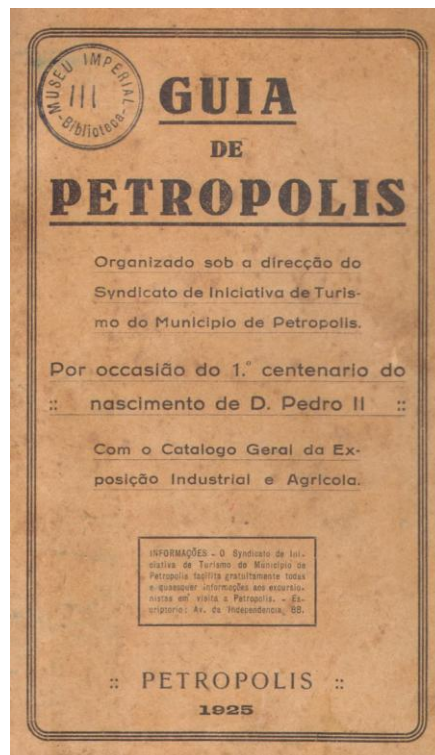


Figura 21: Capa do “Guia de Petrópolis” (1925)

³⁸ Vale ressaltar que o plano inicial proposto por Koeler possuía muito mais praças do que foi efetivamente edificado na cidade de Petrópolis. Para saber mais sobre o plano original de Koeler, a implantação das praças na cidade, e também sobre as praças que não saíram do papel, Ambrozio (2008) destina parte de sua tese a este assunto.

O “Guia de Petropolis” foi organizado pelo “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Municipio de Petropolis” (S.I.T.M.P.). Este guia, além de apresentar um bom acabamento gráfico, relevantes imagens, mapas e informações sobre a cidade, se destaca entre os demais pelos discursos proferidos em prol do turismo no município e no país. Em diversos momentos são demonstrados textos sobre o S.I.T.M.P., sua formação, seus membros, atuação e sua disponibilidade em ajudar os turistas, além de ensaios sobre a importância do turismo na cidade e no Brasil.

Quanto às informações sobre os atrativos, passeios, serviços de hospedagem, alimentação, dentre outras, o “Guia de Petropolis” se apresenta de forma mais completa do que o guia analisado anteriormente. É importante frisar que o “Guia de Petropolis” foi publicado quinze anos depois do Guia editado pela “Empresa ALEX”. Com isso, os empreendimentos, serviços e facilidades para o turista evoluíram com o passar dos anos.

Algumas narrativas e imagens interessantes encontradas na obra:

a) Petrópolis: “burgo industrial”

Em diferentes momentos, o guia descreve a importância econômica de Petrópolis, apresentando-a como um “burgo industrial”. Não só este guia, mas várias outras publicações analisadas (até mesmo as do século XIX) apresentam com detalhes as diferentes indústrias petropolitanas como se fossem atrativos dignos de visita.

b) Petrópolis: Local Campestre, Bucólico e Pitoresco

Exaltação de Petrópolis como um local campestre, bucólico e pitoresco, que guardava costumes tradicionais que não se via mais nos grandes centros urbanos. Levanta-se a idéia de que em Petrópolis a vida era mais simples e a natureza estava mais próxima. A figura abaixo, de uma carroça de leite acompanhada dos dizeres “costumes antigos” ilustra bem esta idéia. Em outros momentos, o guia destaca o passeio por diversos bairros, incluindo os distritos. Vale lembrar que o guia possui várias ilustrações e fotografias desses bairros.



Figura 22: Costumes antigos
Fonte: Guia de Petrópolis (1925,s/p).

- c) “Rainha das Serras” e “Princesa do Piabanha”: destino de pessoas elegantes e famosas

O guia apresenta, em diferentes momentos, Petrópolis como um destino para as elites, onde artistas, intelectuais, políticos e pessoas da “alta sociedade” vão veranejar. O trecho reproduzido abaixo deixa bem claro este discurso.

(...) “Rainha das Serras” e Princesa do Piabanha é, senão a mais elegante, uma das mais procuradas estancias do verão do Brasil e a que mais tradições recorda pelo seu passado e glorias e galas no regimem do antigo império, e ainda hoje no actual, em que apesar da concurrencia de outras formosas e lindas estâncias consegue acolher em seu seio a maioria da sociedade brasileira, cujas figuras mais representativas nella tem os seus bungallows, palacetes e villas de venaneio. (05)

Outras importantes considerações são os textos que falam sobre a importância do Turismo em Petrópolis e no Brasil e também sobre a criação e o funcionamento do S.I.T.M.P. O texto intitulado “Turismo” inicia-se com a seguinte frase: “O Turismo é

na sua essência a consubstanciação máxima da propaganda inteligente e sabiamente conduzida das bellezas naturaes e artísticas de um paiz (...)” (s/p)³⁹.

Além disso, o guia traz também dois interessantes mapas: um mostrando a cidade e outro indicando o caminho para se chegar a Petrópolis a partir do Rio de Janeiro. Se compararmos com o mapa apresentado pelo outro guia, pode-se dizer que estes dois são mais completos, tanto por apresentar melhores elementos cartográficos como escalas, quanto pela forma que eles direcionam o turista. Apesar de o mapa da cidade não apresentar uma legenda⁴⁰ precisa, observa-se que alguns pontos são ilustrados com pequenos símbolos⁴¹ que parecem ser indicações para o turista.

Outro detalhe importante pode ser visualizado no mapa do caminho para Petrópolis. O mapa só dá alternativa de chegada para Petrópolis através da cidade do Rio de Janeiro, pressupondo que o visitante necessariamente sairá do Rio. Ou, pelo menos, este guia deve ser direcionado ao viajante carioca. É notória a importância e a influência que o Rio de Janeiro exerceu sobre Petrópolis desde a sua origem, não só por ser capital, mas também por ser a “grande porta de entrada” para os turistas estrangeiros até os dias de hoje. Mas será que os visitantes do interior do estado ou até mesmo os de outros estados como Minas Gerais não interessavam aos agentes organizadores do turismo petropolitano? Ou será que este guia só circulava entre o público originário da capital? Vale lembrar que este tipo de direcionamento aparece em outros guias, não só através de mapas mas também na forma de descrições do trajeto.

³⁹ Alguns trechos do Guia não possuem paginação.

⁴⁰ Pode ser que a legenda tenha se desprendido do mapa com o passar dos anos.

⁴¹ Pelos símbolos apresentados e pela localização geográfica atual, acredito que tais indicações fazem referência aos hotéis, restaurantes e outros equipamentos de uso turístico da época.



Figura 24: Mapa do caminho do Rio de Janeiro para Petrópolis.
Fonte: Guia de Petrópolis (1925,s/p).

3.3.3: Revista Petrópolis Turismo

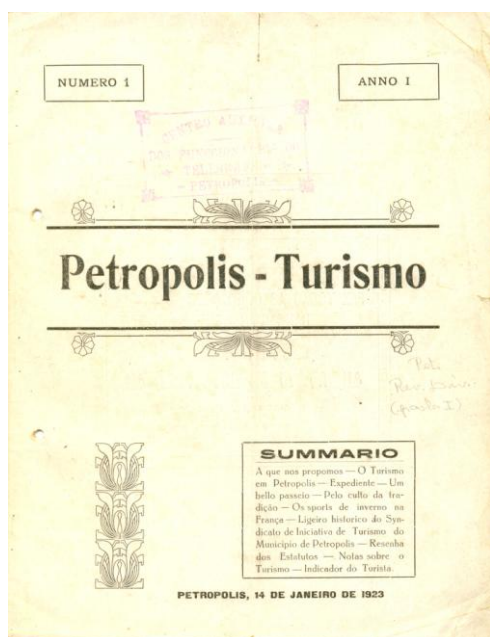


Figura 25: Capa da Revista “Petropolis-Turismo” (1923)

Fonte: Biblioteca Municipal Gabriela Mistral

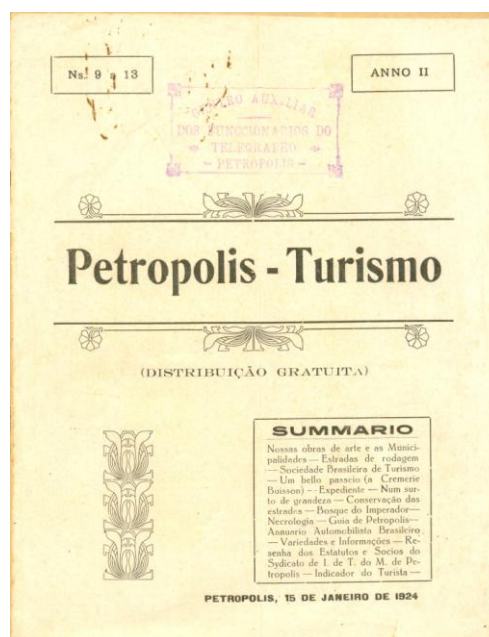


Figura 26: Capa da Revista “Petropolis-Turismo” (1924)

Fonte: Acervo particular do Prof. Joaquim Eloy dos Santos

Esta revista também foi editada pelo “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis”. Foram encontrados apenas dois números (1923 e 1924). Ela funcionava como uma espécie de “boletim” de divulgação das ações, campanhas, discursos, iniciativas e pessoas / entidades que integraram o S.I.T.M.P.

Como um dos objetivos do Sindicato era “chamar a atenção dos moradores e visitantes para todas as curiosidades da região: os monumentos, os logares e paisagens interessantes, etc.”⁴², a revista naturalmente se dedicou em divulgar as atrações, passeios, equipamentos e tudo mais que pudesse interessar não só ao turista, mas também para a divulgação dos atrativos, a fim de conscientizar a própria comunidade petropolitana.

Esta revista se diferenciou das demais publicações pesquisadas pelo tom mais politizado em sistemáticas “campanhas” em prol de duas bandeiras:

⁴² Trecho do 1º Artigo do Estatuto do S.I.T.M.P. Já referenciado no Capítulo 2, item 2.3.2.

1) o desenvolvimento do turismo como atividade econômica em Petrópolis e no Brasil;

Ela trazia informações e notícias sobre o turismo no Brasil e pelo mundo, contemplando artigos que falavam desde o desenvolvimento do turismo na vizinha Teresópolis, até os esportes de inverno na França. Existia também uma seção denominada “Notas sobre o Turismo”, onde eram publicadas novidades sobre esta atividade. Uma das notícias veiculadas segue abaixo:

Em Setembro do anno que ora findou, fundou-se no Rio Grande do Sul, uma companhia de navegação com o fim exclusivo de viagens e recreio entre os principaes paizes da America do Sul, tendo-se assentado o inicio das viagens desse gênero, por todo o começo deste anno. (s/p)

Foram também publicados vários ensaios críticos, que enfatizavam a importância do turismo como atividade econômica. Em um destes ensaios intitulado “O Turismo em Petropolis”, assinado pelo pseudônimo E.B., a atividade turística é apresentada da seguinte maneira:

Como se sabe, o Turismo tornou-se uma industria, que consiste em proporcionar não só aos visitantes de certa localidade meios fáceis de os conduzir a todos os pontos e zonas a que se destinam, guiando-os no conhecimento de tudo que se lhes possa interessar, como em trazer também, a essa mesma localidade, grande desenvolvimento e enormes vantagens, dada a actividade que o seu commercio e a sua vida tomam, e muito lucram, natural e forçosamente, pelo movimento que se opera devido á vinda constante de forasteiros. (Petropolis-Turismo, 1923:s/p)

Estes artigos reforçam a idéia de que na década de 1920 já havia em Petrópolis pessoas não só trabalhando ou empreendendo no setor de turismo, mas também esboçando um pensamento crítico sobre o assunto. Apesar dos autores enfatizarem quase que por unanimidade os aspectos econômicos do turismo, sem refletir sobre as conseqüências negativas do mesmo, já se pode considerar como um avanço relevante para a época relatada.

2) campanha pelo desenvolvimento do “rodoviarismo”.

Vários textos contêm discursos em prol da abertura e conservação das estradas de rodagem, além da enfática recomendação do automóvel como meio de transporte dominante. Tanto a revista “Petropolis-Turismo” quanto o “Guia de Petropolis” (ambos editados pelo S.I.T.M.P.) apresentam anúncios de equipamentos e serviços derivados da indústria automobilística como aluguel de carros de passeio, propagando de lojas de auto-peças, pneus, dentre outros que certamente contribuía para a manutenção das publicações e do próprio Sindicato.

Todas as pessoas que se interessam pelos problemas nacionaes e de fins de beneficio colectivo, não podem deixar, de observar o movimento, hoje, em prol das estradas de rodagem.

Chamamos, assim, a atenção de V. Excia. para os verdadeiros intuitos do “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Municipio de Petropolis” e do “Automovel Club do Brasil”, duas instituições de iniciativa particular, que patrioticamente, se propõe a attrahir o maior empenho possivel dos brasileiros em auxiliar um dos grandes e verdadeiros empreendimentos para o nosso paiz.

Vários textos traziam como temática as obras e os futuros benefícios da nova estrada de rodagem Rio-Petrópolis que estava prestes a ser inaugurada. Vale lembrar que nesta época, o automóvel crescia como meio de transporte preferido para viagens e percebe-se que, tanto os tradicionais veranistas quanto os responsáveis pelo turismo na cidade estavam ansiosos em receber os visitantes que se deslocariam com mais facilidade.



Figura 27: Obras da Rodovia Rio-Petrópolis
Fonte: Petropolis-Turismo (1924,s/p).

A revista também divulgava as diferentes iniciativas promovidas pelo próprio Sindicato como concursos em prol da atividade turística, cursos, eventos, dentre outras. A figura abaixo relata o “Concurso Pró Turismo”. Vale observar que os participantes, os prêmios e até mesmo o dia do sorteio, tem ligações diretas com a indústria automobilística.

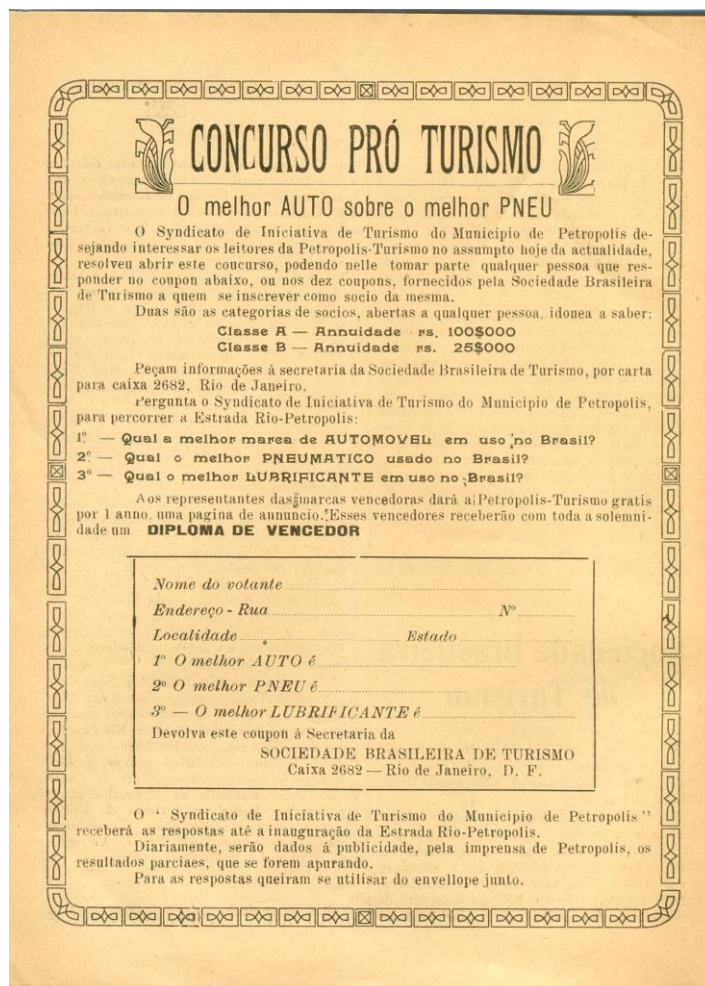


Figura 28: Concurso Pró Turismo
 Fonte: Petropolis-Turismo (1924,s/p).

3.3.4: Revista Verão em Petrópolis

Revista fundada pelo senhor João Roberto D'Escagnole que veio a ser proprietário da já mencionada "Empresa ALEX". Ela foi publicada a partir de 1902. Sua periodicidade variou muito durante os anos, sendo hora quinzenal, hora semanal, hora anual, marcada por diversas fases:

- Primeira fase: editada pelo seu fundador, João Roberto D'Escagnole, que foi desde suas origens em 1902, até o ano de 1923;

- Segunda fase: editada pelos senhores Leoncio Correia e Henrique Mercado, de 1923 até 1930;
- Terceira fase: dirigida pelo senhor Luiz Affonso D'Escagnole, filho de João Roberto D'Escagnole, a partir do ano de 1930. Nesta terceira fase só foram encontrados dois exemplares de 1930. Por isso, acredito que a revista encerrou suas atividades neste mesmo ano.

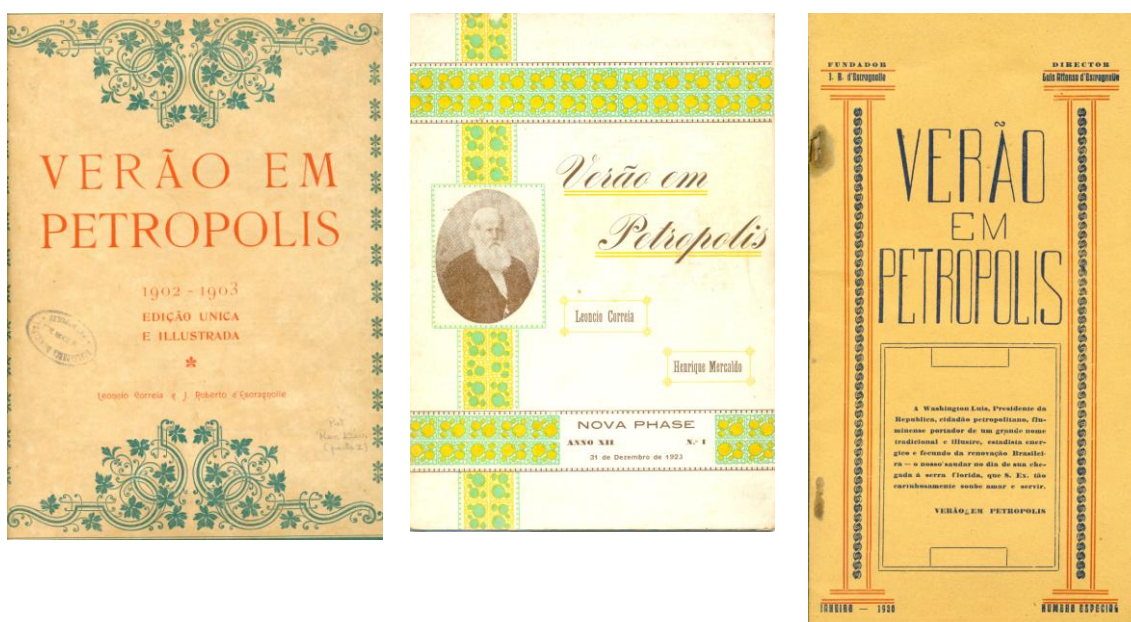


Figura 29: Capas da Revista “Verão em Petrópolis” em suas diferentes fases (1902, 1923, 1930).
 Fontes: Biblioteca Municipal Gabriel Mistral.

Era uma revista eminentemente literária, que circulava nos verões de Petrópolis, tendo como público alvo os “veranistas”. Além de literatura, ela trazia também informações úteis sobre a cidade e dicas de passeios, divulgação de festas e eventos, crítica de teatro e cinema. Falava também sobre esporte, política (principalmente em sua última fase), notícias de importantes veranistas presentes na cidade como os presidentes da República, parlamentares, intelectuais, e artistas. Além disso, veiculava publicidades em geral como anúncios de hotéis, de serviços médicos (todas as edições contém uma página exclusiva para os médicos), odontológicos (após 1924), propagandas da famosa Cervejaria Bohemia, restaurantes, cafés, dentre outras.



Figura 30: Presidente Epitácio Pessoa em visita a Petrópolis.
 Fonte: "Verão em Petrópolis" (31 de jan. de 1922)



Figura 31: Condes de Leopoldina.
 Fonte: "Verão em Petrópolis" (15 de jan. de 1922)

TENNIS CLUB DE PETROPOLIS

PROGRAMMA OFFICIAL PARA 1924

Mez de Janeiro

<p>Dia 1.º, Terça-feira, <i>Baile</i>, das 22 às 4 horas da manhã.</p> <p>Dia 6, Domingo, <i>Chá Tennis Club</i>, das 17 às 24 horas.</p> <p>Dia 12, Sabbado, <i>Jantar-Dansante</i>, das 20 às 2 horas.</p> <p>Dia 13, Domingo, <i>Chá Tennis Club</i>, das 17 às 24 horas.</p>	<p>Dia 17, Quinla-feira, <i>Matinée Infantil</i>, das 15 às 18 horas.</p> <p>Dia 20, Domingo, <i>Chá Tennis Club</i>, das 17 às 24 horas.</p> <p>Dia 26, Sabbado, <i>Jantar-Dansante</i>, das 20 às 2 horas.</p> <p>Dia 27, Domingo, <i>Chá Tennis Club</i>, das 17 às 24 horas.</p> <p style="text-align: center;"><i>Harry Kosarin</i>, orchestra official para 1924.</p>
--	---

Figura 32: Programação de Verão do Tennis Club de Petropolis.
 Fonte: "Verão em Petrópolis" (15 de jan. de 1924)



Figura 33: Anúncio do “Rapido” Praia Formosa.
Fonte: “Verão em Petrópolis” (20 de nov. de 1924).

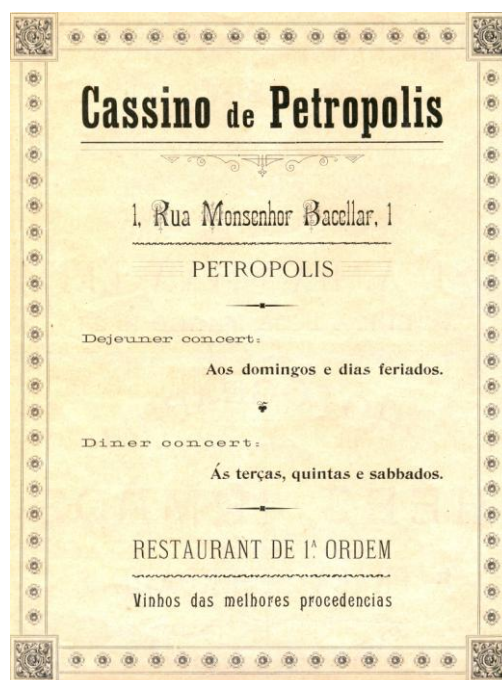


Figura 34: Anúncio do “Cassino de Petropolis”.
Fonte: “Verão em Petrópolis” (1902).

Em sua primeira fase é notório o destaque dado às vantagens estruturais, climáticas e naturais do município. A citação abaixo é um trecho de uma descrição da cidade publicada em 1902:

Clima incomparavel pela sua amenidade e salubridade. Imunidade absoluta contra a febre amarella, peste, malaria e epidemias de qualquer especie (...). Excellentes hoteis e pensões. (...) Theatros, estabelecimento hydrotherapico, Casino com orchestra. Distracções variadas, bailes e *matinées*, etc. (...) Enfim, todos os recursos de uma grande e prospera cidade, residencia habitual do corpo diplomatico e do alto commercio e finança e da *élite* da sociedade brasileira. As pessoas não acclimatadas no Rio, com occupação diurna nesta cidade, e que queiram se preservar da febre amarella e da malaria, devem passar *todas as noites* em Petropolis, onde não

existem mosquitos transmissores dessas molestias e onde a temperatura é sempre uma delicia. (Verão em Petropolis, 1902:18)

Este texto, as figuras acima, além de vários outros discursos proferidos, apresentam Petrópolis como um destino “elegante” das “elites” e da “boa sociedade” brasileira. A revista em suas diferentes fases possuía um notório direcionamento para as classes mais abastadas.

Depois da década de 1920, aparecem algumas colunas ressaltando a importância do turismo como alavanca de progresso, importância como atividade econômica, e até mesmo algumas alusões críticas sobre a gestão do mesmo em Petrópolis e o descaso do poder público. Dentre os diferentes textos, destacarei alguns trechos do ensaio “Turismo: elemento de progresso” escrito pelo Sr. Vicente Amorim⁴³ em 1930:

Não ha um trecho da nossa terra, mais apropriado ao desenvolvimento da propaganda turistica, do que esse rincão admiravel e formoso, florido e perfumado que é Petropolis.

(...)

Turismo é a derivante da vida agitada o presente, é a acção inteligente do homem, o automobilismo, a aviação, as auto-estradas, economizando tempo e encurtando as distancias, aproximando os núcleos de população para que melhor se conheçam; é o intercambio de ideas e de possibilidades economicas, assegurando o equilibrio das massas humanas, cada qual ao seu rincão, produzindo e se engrandecendo, empenhados todos no surto grandioso dos destinos da patria para a consequente e indestructivel finalidade nacional.

(...)

Infelizmente, porém, ainda não ha a percepção desse grande incentivador do progresso e do desenvolvimento das regiões de

⁴³ Jornalista e poeta de relevante destaque na imprensa carioca e petropolitana na primeira metade do século XX. Fonte: IHP (Extraído de: < http://www.ihp.org.br/colecoes/lib_ihp/docs/gkf20000731.htm > em 12/02/2009).

natureza pittoresca e ao mesmo tempo hospitaleira. (Verão em Petropolis, 1930:s/p)

Em outro momento, Amarin critica o fechamento do S.I.T.M.P. no fim da década de 1920, o empenho insatisfatório de seus membros e a atuação da instituição como um todo:

Praticamente, pode-se dizer, nada se ha feito no sentido proprio de turismo, e o grande entrave, é proveniente da iniciativa até hoje, ter sido apenas secundada por individualidades de valor e de prestígio, mas, que não vivem em Petropolis, auscultando diuturnamente todos os seus anseios e todos os seus anhelos. (Verão em Petropolis, 1930:s/p)

Para completar, Amarin faz críticas aos meios de divulgação e aos equipamentos turísticos existentes em Petrópolis:

Até este momento, ainda não se conseguiu fazer uma propaganda eficaz de Petropolis, e mesmo não se pôde fazel-a por que lhe faltam os requisitos indispensáveis, como por exemplo, um hotel de primeira ordem (...).

Ha bons, ha excellentes, mas ainda não há um sumptuoso, onde se possa accomodar um visitante regio; e é por isso que algumas personalidades de relevo mundial que visitam o Rio de Janeiro, vêm a Petropolis apenas em excursão de horas, quando podiam ser hospedes desta terra, durante a permanência no paiz. (Verão em Petropolis, 1930:s/p)

O último fragmento citado e bem relevante porque parece ser uma crítica atual. Se olharmos documentos e estudos contemporâneos sobre a demanda turística em Petrópolis, ou conversarmos com qualquer agente público ou privado do turismo na cidade, certamente aparecerá o discurso relatando a dificuldade de manter o turista por

mais dias no município. Será o excursionismo⁴⁴ em Petrópolis um fenômeno de quase um século ou será mais uma construção cultural que vêm desde o início de sua organização?

Este texto é importante para relativizar as narrativas expostas sobre o turismo em Petrópolis, inclusive para mostrar que os serviços e equipamentos existentes, apesar de precursores, não eram considerados por todos como os mais apropriados. É importante lembrar que este texto foi o mais recente dos analisados, datando de 1930.

⁴⁴ Excursionismo: viagem onde o visitante não pernoita no local visitado. Conseqüentemente, menos rentável aos promotores do turismo. Adaptado de LOHMANN & PANOSSO NETTO (2008:90).

Considerações finais

O presente trabalho procurou analisar as seguintes questões: Como se deu historicamente a organização da atividade turística de Petrópolis? Como se originou a construção cultural da “natureza turística” da cidade?

No primeiro capítulo, apresentou-se um breve histórico das origens e evolução de Petrópolis, enfatizando o desenvolvimento da atividade veranista no município, demonstrando as origens de seus atrativos e equipamentos. Com isso, foi demonstrado que o município nasceu e se desenvolveu através dos tempos como um importante destino de veraneio.

No segundo capítulo, ao se analisar as relações entre capitalismo industrial e turismo, tentou-se compreender teoricamente a cadeia evolutiva do fenômeno turístico no contexto do capitalismo industrial, a fim de entender a sua transformação em atividade organizada e consecutivamente direcionada para as massas. Traçou-se também um comparativo entre as idéias de “vilegiatura” e “turismo organizado”, a fim de entender a evolução das duas categorias em Petrópolis. Em seguida, analisou-se o nascimento do turismo organizado na cidade nas primeiras décadas do século XX, destacando a evolução de alguns empreendimentos, personalidades e organizações do período como a “Empresa ALEX” e o “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petrópolis”.

Ao longo do terceiro capítulo, foram selecionadas e analisadas algumas narrativas e imagens produzidas pelos principais agentes responsáveis pela organização do turismo em Petrópolis que certamente foram determinantes na construção da sua “natureza turística” em seus primórdios. Para isso, foram analisados guias e revistas produzidos pela “Empresa ALEX” e o “Syndicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petrópolis”.

A partir da análise das narrativas e imagens, percebe-se que alguns discursos são unânimes nas publicações analisadas: 1) É dada uma grande ênfase à privilegiada situação climática e higiênica da cidade, construindo uma noção de Petrópolis como uma “cidade de cura”; 2) É construída uma contraditória noção de um local “Campestre,

Bucólico e Pitoresco”, ao mesmo tempo em que se “vende” a idéia de Petrópolis como um “burgo industrial”; 3) As publicações também apresentaram de forma bem nítida a noção de Petrópolis como “Rainha das Serras” ou “Princesa do Piabanha”, ou seja, um destino voltado para as elites da época.

Tendo como base as narrativas e imagens analisadas, acredito que o turismo em Petrópolis entre os anos de 1900 e 1930, embora tenha demonstrado alguns elementos que podemos defini-lo como organizado, não posso caracterizá-lo como um destino de massas. Ao observar a natureza dos anúncios, os locais de circulação das publicações, assim como os atrativos e equipamentos existentes na época, não há dúvidas da preferência dos atores locais pelo turista pertencente a “boa sociedade”.

Acredito que o turismo de massas em Petrópolis só emerge após a década de 1940 em outro contexto caracterizado pelo fim da Segunda Guerra Mundial (1945) e com a transformação de outros atrativos como a abertura do Museu Imperial de Petrópolis (1943) e o fechamento do cassino do “Palácio Quitandinha” (1946). Mas, este tipo de afirmação só será possível através de futuras pesquisas sobre este período específico.

Outros questionamentos que também ficaram em aberto são: como as narrativas e imagens desenvolvidas no início do século XX evoluíram até os dias de hoje? De que forma os atores e instituições participantes do início da organização da atividade turística em Petrópolis influenciaram na organização do turismo na cidade no decorrer dos outros anos? E o poder público? Como se deu a sua intervenção junto à atividade turística através dos anos?

É preciso realizar mais pesquisas de cunho histórico do turismo nos municípios brasileiros, assim como no Brasil como um todo. Espero que este trabalho tenha contribuído, mesmo que de forma fragmentada, na compreensão da história do turismo, que ainda foi muito pouco estudada pelos pesquisadores da área. Acredito que a desejada construção epistemológica do turismo como campo científico não evoluirá se não tivermos a clareza de sua construção histórica como atividade.

4. Bibliografia

4.1. Fontes Primárias

ALBUQUERQUE, Julio Pompeu de Castro (dir.). *Album guia da cidade de Petrópolis*. Petrópolis, Oficinas Graphics de L. Silva & C. s/d.

BENSUASCHI, Márcio. *Uma instituição de turismo no Brasil em 1923*. Extraída de <<http://www.turismologia.com.br/reportagem.asp?codigo=73&estado=RJ>> em 31/07/2009 às 17:17.

EMPRESA ALEX. *Petrópolis Cidade do Brasil: A Rainha das Serras*. Petrópolis: Tipografia da Escola Gratuita São José, 1910.

LUZ E SOMBRA. Petrópolis. Ano II, n. 2, 1920.

SYNDICATO DE INICIATIVA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DE PETROPOLIS (Org.). *Guia de Petrópolis: por ocasião do 1º centenario do nascimento de D. Pedro II*. Petrópolis: Gráfica do Centro da Boa Imprensa, 1925.

PETROPOLIS-TURISMO. Petrópolis: Sindicato de Iniciativa de Turismo do Município de Petropolis. 1923-1924. Anual.

Prefeitura Municipal de Petrópolis. *Fundação de Cultura e Turismo*. Disponível em: <<http://www.petropolis.rj.gov.br/>> Acesso em 29/10/2009.

VERÃO EM PETROPOLIS. Petrópolis: Empresa ALEX. 1902-1930. [Periodicidade variada].

4.2. Fontes Secundárias

AMBROZIO, J. C. G. *O Presente e o Passado no Processo Urbano da Cidade de Petrópolis: uma história territorial*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. *Viagem, Turismo e Vilegiatura*. GEOUSP – Espaço e Tempo. São Paulo, nº 18, (pp. 105-113), 2005.

BARRETTO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo de Turismo*. 11 ed. Campinas: Papirus, 2001.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura.

BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. 7 ed. São Paulo: Editora Senac, 2002.

- BOYER, Marc. *História do Turismo de Massa*. Bauru: EDUSC, 1999.
- BURNS, Eduard M. *História da civilização ocidental: do homem das cavernas até a bomba atômica*. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1974.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. “Fundamentos Multidisciplinares do Turismo: História”. In: TRIGO, L. G. G. (Org.). *Turismo, Como aprender, como ensinar, 1*. - 3ª ed. – São Paulo: Senac, 2003.
- _____. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazers burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.
- CASTRO, Celso. “Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro”. In: VELHO, Gilberto (Org.) *Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. “A Natureza Turística do Rio de Janeiro”. In: BANDUCCI JR, Álvaro & BARRETTO, Margarita (Org.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. (2ª Ed.); Campinas: Papirus, 2002.
- CRUZ, Rita. *Política de Turismo e Território*. São Paulo, SP. Ed.: Contexto, 2000.
- COOPER, Chris; SHEPHERD Rebecca; WESTLAKE John. *Educando os educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade*. traduzido por Rosemary Neves de Sales Dias, Cíntia Kaori Yokota, Laura Martins Arnstein. São Paulo: Roca, 2001.
- DAIBERT, André Barcelos Damasceno. *Memória ferroviária ou memória dos trabalhadores ferroviários: o que é representado no Museu Ferroviário de Juiz de Fora?* Monografia (Graduação) Juiz de Fora: Departamento de Turismo/ICHL/UFJF, 2005.
- DIAS, Reinaldo. *Planejamento do Turismo: Política e Desenvolvimento do Turismo no Brasil*. São Paulo, SP. Ed.: Atlas, 2003.
- FERRARA, L. D. A. “O Turismo dos Deslocamentos Virtuais”. In: IÁZIGI, E., CRUZ, R. C. A., CARLOS, A. F. A. (Org.) *Turismo: Espaço, paisagem e cultura*. Hucitec, SP, 1996 (pp. 15-24).
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. (3ª Ed.); Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- FREIRE-MEDEIROS, B.e CASTRO,C. “A Cidade e Seus Souvenires:O Rio de Janeiro Para o Turista Ter”. In: Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo v. 1, n.1, p. 34-53, mar. 2007.
- GASTAL, Suzana. CASTRO, Marta Nogueira. “A Construção do campo do turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande do Sul.” In: CÂNDIDO, L. A. ZOTTIS, A. M. (Orgs.). *Turismo: Multiplas abordagens*. Feevale: Novo Hamburgo, 2008 (pp. 30-41).
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (11ª Ed.). Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- HOBSBAWM, E. *A Era do Capital*. (5a ed.) Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2000.
- IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.
- JAFARI, Jafar, RICHIE, J. R. Brant. "Toward a Framework for Tourism Education: Problems and Prospects". In: *Annals of Tourism Research*, U.S.A., Vol. 8, n° 1, 1981.
- LACERDA, Armando Paiva de. *O Médico e a Serra*. Rio de Janeiro: Revista Continente Editorial LTDA, 1981.
- LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. *Petrópolis: progresso e tradição nos trabalhos da memória*. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / Departamento de História, 2001.
- LOHMANN, G. PANOSSO NETTO, A. *Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph, 2008.
- MARTINS, ISMÊNIA DE LIMA. *Subsídios para a história da industrialização em Petrópolis – 1850/1930*. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis / Museu Imperial / Prefeitura Municipal de Petrópolis / Instituto Histórico de Petrópolis, 1983.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Anuário do Museu Imperial*. [Ed. Comemorativa]; Petrópolis, 1995.
- MOESCH, Marutschka. *A Produção do Saber Turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MONTEJANO, Jordi Montaner. *Estrutura do Mercado Turístico*. (2ª Ed.); São Paulo: Roca, 2001.
- NEVES, Sandro. *Turismo, memória e identidade cultural: o caso do Museu Mariano Procópio e da sociedade juizforana*. Juiz de Fora: UFJF/ICHL, 2004. Monografia (Graduação em Turismo).
- NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 15ª Edição. São Paulo: Scipione, 1998.
- OURIQUES, Helton Ricardo. *A Produção do Turismo: Fetichismo e Dependência*. (tese de doutorado). UNESP - Programa de Pós-Graduação em Geografia: Presidente Prudente, 2003.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. *Ecologia, cultura e turismo*. 3ª Edição. Campinas: Papirus, 1999.
- PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil: Hóspedes, hospedeiros e viajantes do século XIX*. São Paulo: Manole, 2001.
- RABAÇO, Henrique José. *História de Petrópolis*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis / Universidade Católica de Petrópolis, 1985.

_____. *História Social e Política de Petrópolis: bibliografia comentada*. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis / Museu Imperial / Prefeitura Municipal de Petrópolis / Instituto Histórico de Petrópolis, fevereiro de 1980.

_____. *História Econômica de Petrópolis: bibliografia comentada*. Petrópolis: Universidade Católica de Petrópolis / Museu Imperial / Prefeitura Municipal de Petrópolis / Instituto Histórico de Petrópolis, março de 1980.

REIS, Rita de Cássia. *Turismo: a busca de sua essência*. Juiz de Fora: UFJF/ICHL, 2004. Monografia (Graduação em Turismo).

REJOWSKI, Miriam. “Agência de Viagem”. In: ANSARAH, M. G. R. (Org.) *Turismo, Como aprender, como ensinar*, 2. - 3ª ed. – São Paulo: Senac, 2004.

REJOWSKI, Miriam. (Org.) *Turismo no Percurso do Tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

RODRIGUES, Marly. “Preservar e Consumir: o Patrimônio Histórico e o Turismo”. In FUNARI, P.P. PINSKY, J. *Turismo e Patrimônio Cultural*. 2ª Edição - São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, A. S. P. *Turismo: Alternativa Efetiva de Inclusão Social? Uma Reflexão sobre as Políticas Públicas de Turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EICOS/UFRJ, 2007. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, J. E. dos. *O Sindicato do Turismo*. Tribuna de Petrópolis (Caderno História). Petrópolis, 20 de Agosto de 2003 (p. 08).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVEIRA FILHO, O. F. *Contribuição à história da imprensa petropolitana: os guias petropolitanos*. Tribuna de Petrópolis (Segundo Caderno). Petrópolis, 28 de janeiro de 1985 (p. 01).

_____. *A Imprensa petropolitana na república Velha: revistas*. Extraído de: <<http://profferreira.sites.uol.com.br/histimprensrevistas.htm> > em 02/02/2010. [O artigo aparece no site com a seguinte observação: “Este ensaio continua inédito. Não foi publicado pela imprensa”].

TAULOIS, Antônio Eugênio. *História de Petrópolis*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis / Universidade Católica de Petrópolis, fevereiro de 2007. (Disponível em <<http://www.petropolis.rj.gov.br>> acesso em 16/10/2008).

4.3. Documentos e Legislações

BRASIL. Decreto-Lei 60.224/67, de 16 de fevereiro de 1967.

BRASIL. Decreto-Lei 85.849, de 27 de março de 1981.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 2007*. Brasília, 2007.

CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. Ata redigida no dia 05/12/1889. Disponível em: <http://www.cmp.rj.gov.br/atasimperio/001-061.htm#a1>.

CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS. Deliberação nº 322, de 31/03/1952.

_____. Deliberação nº 1.611, de 04/12/1962.

_____. Deliberação nº 3.509, de 20/12/1973.

_____. Lei Municipal nº 4.157, de 30/05/1983.

Petrópolis, Informações para investidores. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2004.

Petrópolis - O sonho de um Imperador. Pró-centro. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico, Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1999.

Projeto de Reurbanização do Centro Histórico de Petrópolis. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico, Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2005.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)